

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

SECRETARIA PAULO APÓSTOLO - SPA

SUBSÍDIOS PARA SER IGREJA NO NOVO MILÊNIO

ENCONTRO I

SUBSÍDIOS PARA SER IGREJA NO NOVO MILÊNIO

AUTORES:

- Bianca Gabriel Moura
- Luiz Virgílio Néspoli
- Maria Aguiar
- Ronaldo José Pertel

REVISÃO:

- COMISSÃO DE FORMAÇÃO NACIONAL DA RCC

Vitória, 31 de março de 2001

Índice:

01)	Índice	Pág. 03
02)	Apresentação	Pág. 04
03)	Vem Espírito Santo	Pág. 05
04)	Ensino01 Ser Igreja no Novo Milênio	Pág. 06
05)	Ensino02 Jesus e Seus Seguidores	Pág. 12
06)	Ensino03 Os Atos dos Apóstolos	Pág. 18
07)	Ensino 04 Perseverar nos Ensino dos Apóstolos	Pág. 24
08)	Ensino 05 Perseverar na Comunhão	Pág. 32
09)	Ensino06 Perseverar no partir do Pão	Pág. 37
09)	Ensino 07 Perseverar na Oração	Pág. 44
10)	Referências Bibliográficas	Pág. 50

APRESENTAÇÃO

Com indisfarçável júbilo e gratificante realização, temos assistido o empenho laborioso da Comissão de Formação da RCC e suas diversas Equipes em produzir material de apoio que garanta uma “tão perfeita quanto possível” integração do processo de formação do Movimento com as propostas do Projeto ser Igreja no Novo Milênio.

Motivados talvez, a princípio, apenas pela abertura e acolhida que o mesmo demonstra ao afirmar que “ os Movimentos não devem deixar suas atividades permanentes e específicas” (pg 23) para dele participar, tem se tornado evidente, no entanto, ao se “trabalhar” o Projeto, um profundo anseio de comunhão para com toda a Igreja, como nele se enseja.

Ao nos propor de lançar os olhos à Igreja primitiva não para imitá-la em sua exterioridade, mas para refontizar-se e renovar-se em suas profundas e inesgotáveis riquezas, a CNBB, sem dúvidas, estimula a RCC a redescobrir-se, cada vez mais, como “Igreja em movimento”, que precisa de uma contínua renovação de si mesma, de forma a responder aos legítimos anseios do povo de Deus para estes tempos, e Ser Igreja no Novo Milênio.

Deus faz sempre “ novas todas as coisas” (Ap 21, 5). A melhor maneira de renovar-se, pois, é permanecer atento ao que “ o Espírito diz à Igreja (Ap 2, 7); e, nela, o que Ele diz à nós, enquanto movimento eclesial.

Esta é a intenção da Comissão de Formação. Atentos ao que o Espírito está falando à Igreja através do Projeto SINM, beber dele, e, saciando-se, oferecer o seu próprio contributo para atender à sede que é tão variada entre o multiforme e colorido povo de Deus.

Ciente do modo de ser e de atuar do povo em nossas comunidades carismáticas, essas reflexões pretendem tão somente somar-se ao rico material que vem sendo produzido pelo Projeto, tão ao gosto da proposta de se viver a fé propagada pela RCC.

Oxalá, com mais material e aprendendo mais, possamos todos ser melhor capacitados a apoiar o imenso trabalho a ser desenvolvido em nossas comunidades paroquiais, e assim edificar a Igreja, para a glória de Deus Pai. Amém.

Reinaldo Bezerra dos Reis
Presidente do Conselho Nacional da RCC –BR

“Vem, Espírito Santo”

“Jesus anunciou um novo Reino, dizendo: “convertei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus!”¹. Ele pedia uma mudança de vida. Mudança radical, da mentalidade e do coração. O sentido original da palavra “converter-se” quer dizer: mudar o modo de pensar e de agir. (...)

Com este espírito Jesus fundou pessoalmente a sua Igreja, para que ela viesse a ser a imagem do Reino do Céu, embora com as rugas de nosso pecados. Jesus escolheu e preparou cuidadosamente seus Apóstolos. Depois de ter pregado ao povo, o Senhor explicava-lhes as parábolas e os enviava, dois a dois, pelos povoados, como aprendizado apostólico.²

Deste modo Jesus fundou a sua Igreja e preparou os primeiros evangelizadores. Depois, antes de subir ao céu, o Senhor passou para eles o seu poder e sua missão divina.”³

Precisamos ter a visão de que esse Reino só será possível quando nós leigos católicos tomarmos consciência deste chamado e assumirmos o mandado de: “Ir e evangelizar”⁴. Mas sabemos, por outro lado, que não basta evangelizar; é preciso levar a pessoa evangelizada a um processo de formação, isto é, a um processo de crescimento na graça e no crescimento da fé em Deus.

“No nosso mundo, com frequência dominado por uma cultura secularizada que fomenta e difunde modelos de vida sem Deus, a fé de muitos é posta à dura prova e, não raro, é sufocada e extinta. Percebe-se, então, com urgência a necessidade de um anúncio forte e de uma sólida e aprofundada formação cristã. Como é grande, hoje, a necessidade de personalidades cristãs amadurecidas, conscientes da própria identidade batismal, da própria vocação e missão na Igreja e no mundo! E eis, então, os movimentos e as novas comunidades eclesiais: eles são a resposta, suscitada pelo Espírito Santo, a este dramático desafio do final do milênio. Vós sois esta resposta, providencial.”⁵

Para ajudar-nos em uma formação cristã aprofundada, a RCC abraçou o Projeto de Evangelização Ser Igreja no Novo Milênio, nestes próximos dois anos, projeto este que a CNBB esta propondo para toda a Igreja.

“Em comunhão com toda a Igreja – e sem abandonar a consecução dos objetivos que são próprios do Movimento, e que já foram discernidos em planos anteriores –, a Renovação Carismática Católica do Brasil, por determinação e aprovação de seu Conselho Nacional, orienta a todas as suas coordenações (de nível nacional, estadual, diocesano, paroquial, de grupo e secretarias de trabalho) a que assumam, em espírito de adequada comunhão e unidade, o Projeto “SER IGREJA NO NOVO MILÊNIO” como núcleo norteador e de motivação para as suas atividades durante os próximos 2 (dois) anos.

O Projeto - riquíssimo em seu conteúdo e dinâmica, e bem ao gosto da espiritualidade e da prática missionária da RCC – será ainda incrementado por outros subsídios oferecidos pela própria CNBB, bem como por material que será disponibilizado pela Comissão de Formação e pela Secretaria Paulo Apóstolo.”⁶

O Projeto de evangelização “SER IGREJA NO NOVO MILÊNIO”, que vem dando continuidade ao Projeto de Evangelização Rumo ao Novo Milênio(1996 – 2001), tem como finalidade central **Renovar a Consciência da Identidade e da Missão da Igreja no Brasil**, buscando avaliar a caminhada pastoral feita, desde 1996, de modo a colher elementos de reflexão e planejamento para o futuro próximo. Como perceberemos, o novo projeto não tem respostas prontas. Quer colocar todas as comunidades em atitude de busca e reflexão, para descobrir – à Luz do Espírito Santo – o que devem fazer e como devem ser. E ao final dos dois anos; haveremos de ter desenvolvido subsídios para auxiliarmos nossos bispos na elaboração das Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora no Brasil - DGAE - 2.003 a 2.006.

Mais do que fazermos reuniões, é preciso que haja, em cada coração, uma decisão séria, determinada, concreta e real de compromisso com Deus, pela obra de evangelização. Nossos Pastores esperam que tenhamos clareza de nossas ações nesse grande projeto de evangelização da Igreja do Brasil, e que também, nos conscientizemos da importância de nosso papel nesse tempo especial, tempo da graça.

É com este espírito de imensa alegria que, colocamos nas mãos de vocês este primeiro Encontro para o aprofundamento do SINM e dos Atos dos Apóstolos. Ele deverá nos trazer conhecimentos e entendimentos que buscamos para a transformação de nossa vida comunitária, a nível de grupo de oração, pois devemos começar a partir de nós mesmos. Este encontro é o primeiro de uma série de quatro encontros, que serão distribuídos em dois anos, sendo que a cada semestre será dado um encontro.

Oramos ao Deus Altíssimo, por todo o entendimento e conhecimento de sua vontade em nossas vidas, para que, cada vez mais, possamos caminhar na docilidade de Seu Espírito Santo. Vem, Espírito Santo! Vem!

Pela Equipe,

Ronaldo José Pertel

Membro da Secretaria Estadual Paulo Apóstolo, do Espírito Santo

¹ Mt 4,17

² conf. Mt 10

³ “Os vinte séculos de caminhada da Igreja”, Luiz Cechinatto)

⁴ cf. Ide e evangelizai os batizados, Jose H. P. Flores, p 9

⁵ Discurso de S.S. João Paulo II – Congresso Mundial dos Movimentos, maio, 1998

⁶ Plano de Ação 2001, RCC- Brasil, Escritório Administrativo da RCC/BR – Conselho Nacional

ENSINO 01

SER IGREJA NO NOVO MILÊNIO

INTRODUÇÃO

“ Não que eu já tenha recebido tudo, ou já me tenha tornado perfeito. Mas continuo correndo para alcançá-lo, visto que eu mesmo fui alcançado pelo Cristo Jesus. Irmãos, não julgo já tê-lo alcançado. Uma coisa porém faço: esquecendo o que fica para trás, lanço-me para o que está à frente. Lanço-me em direção à meta. É assim que nós devemos pensar (...). Qualquer que seja o ponto a que tenhamos chegado, continuemos na mesma direção.”⁷

Esta mensagem de São Paulo serve bem para colocar o objetivo do Projeto Ser Igreja no Novo Milênio. Muito já foi feito e talvez pudesse ter sido feito melhor. O que importa é lançar-se para a frente, buscar sempre mais alcançar a meta, esse “bem supremo” que é “o conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor” (Fp 3,8b). Este sempre foi o objetivo da Igreja e agora o é de forma bem explícita.

Este Ensino 01 quer nos mostrar essa caminhada da Igreja nos últimos anos, particularmente após o Concílio Vaticano II. Vamos fazer um apanhado histórico do planejamento das atividades da Igreja que culminam com a preparação para Jubileu do nascimento de Jesus Cristo (ano 2000), deixando em aberto a questão: Como ser Igreja no novo milênio? Como a RCC e os Grupos de Oração devem participar deste importante momento da caminhada cristã?

Vivemos hoje em uma sociedade globalizada, onde existe um fluxo rápido de informações; são as novas descobertas, a nova tecnologia, onde as ciências se aprofundam e se especializam nos mais diversos campos do conhecimento humano. A mensagem do Evangelho precisa atingir o homem moderno, inserido no atual contexto sociocultural e que precisa estar adaptado a esta realidade. No entanto, ao iniciarmos um novo milênio vemos, dolorosamente, que ao final de dois mil anos de cristianismo, somente um quinto (1/5) da população do mundo ouviu falar de Jesus, o que não significa, necessariamente, que esteja evangelizada.

O mundo carece de evangelização. A Igreja, através de João Paulo II e dos Bispos do mundo inteiro, conclama a uma NOVA EVANGELIZAÇÃO: evangelizar com novo ardor, com uma nova linguagem e com fervor renovado, levando o Evangelho até os confins do mundo. É hora de Evangelizar e a Igreja sempre evangelizou mas nem sempre com os mesmos métodos. As circunstâncias do mundo de hoje exigem da Igreja uma volta às suas origens não para repetir o que já foi feito mas para buscar na fonte, nos atos e nas atitudes dos primeiros cristãos a renovação de sua atividade pastoral.

A EVANGELIZAÇÃO NO BRASIL

Os Bispos do Brasil, sempre estiveram atentos às orientações do Santo Padre e aos sinais dos tempos. Sempre tentaram organizar e planejar a Evangelização do Brasil, respondendo aos desafios que tivemos de enfrentar.

Em resposta, à preocupação e conclamação de nossos pastores a Igreja do Brasil, de 1962 a 1965, desenvolveu o **PLANO DE EMERGÊNCIA**. Este Plano foi desenvolvido, na perspectiva das mudanças que a preparação do Concílio Vaticano II prenunciava, ou seja, numa revitalização apostólica, Igreja Comunidade, Povo de Deus, Corpo de Cristo, que tinha como grande objetivo:

- Renovação (atualização) da Paróquia;
- Renovação do Ministério Presbiteral;
- Renovação da Escola Católica;
- Atuação da Igreja no campo socio-econômico.

De 1966 a 1970, a Igreja no Brasil, com a experiência vivenciada no Plano de Emergência, traçou o **PLANO DE PASTORAL DE CONJUNTO**, firmado em seis dimensões da vida eclesial e da vida pastoral, à luz dos grandes documentos do Concílio Vaticano II:

Dimensões	Documento	Abrangências/Sobre
Comunitário-participativa	Lumen Gentium	Igreja
Missionária	Ad Gentes	Atividade Missionária da Igreja
Bíblico Catequética	Dei Verbum	Revelação Divina
Litúrgica	Sacrossanctum Concilium	Liturgia
Ecumênica/	Unitatis Redintegratio	Ecumenismo

⁷ Filipenses 3,12-14.

Diálogo inter-religioso	Nostra Aetate	Relação Igreja com Outras Religiões
Sócio-Transformadora	Gaudium et Spes	Igreja no mundo de Hoje

De 1975 a 1994, a Igreja no Brasil não mais propôs um plano de ação de nível nacional. Passou a oferecer **Diretrizes Gerais para a Ação Pastoral**, deixando os planos de ação para os níveis regionais, diocesanos e paroquial.

De 1995 em diante, a Igreja no Brasil deu novo enfoque às suas diretrizes: **Diretrizes Gerais para a Ação Evangelizadora**. Onde a Ação Evangelizadora era desenvolvida de maneira: Inculturada (nas culturas indígenas, afro-brasileira e pós-modernas) e também, de maneira articulada, nas quatro exigências fundamentais da Evangelização: 1) Serviço; 2) Diálogo; 3) Anúncio; 4) Testemunho de comunhão eclesial

UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Diante de toda esta caminhada da Igreja, desde o Concílio Vaticano II, passando pela 1ª Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), no Rio de Janeiro (1955); pela 2ª, em Medellín, no ano 1968; pôr Puebla, em 1979, a terceira; e a quarta, em Santo Domingo, 1992. E também, pôr diversos Sínodos de Bispos. Constatamos que essa segunda metade do século vinte, último do milênio; nós cristãos; somos chamados a sermos protagonistas da “Nova Evangelização” e vivermos melhor fé e vida, fé e história, fé e transformação social. E temos a certeza que vivemos um tempo especial; estamos vivendo o tempo da Graça, tempo de efusão do Espírito Santo. Estamos na verdade vivendo um tempo histórico da Igreja e da humanidade. Nossa ação evangelizadora deve estar inserida neste tempo histórico, confiante neste momento de graça. É o tempo propício de reaproximação do homem com Deus. É um tempo da manifestação mais plena da bondade de Deus para conosco. Um tempo, pôr conseguinte, de júbilo, alegria, louvor, e ação de graças.

Desde o início do seu pontificado, João Paulo II tem empreendido uma pesca mundial, tem navegado pôr todos os mares e visitado todos os homens de todas as raças, em suas próprias realidades e sobre eles lançado a rede; e em seus pronunciamentos, vem dando um novo impulso à evangelização. Ele faz um apelo à **NOVA EVANGELIZAÇÃO**:

- “A “novidade” da ação evangelizadora a que temos convocado afeta a atitude, o estilo, o esforço e a programação ou, como o propus em Haiti, o ardor, os métodos e a expressão.”⁸
- “A nova evangelização não consiste em um “novo evangelho”, que surgiria sempre de nós mesmos, da nossa cultura ou da nossa análise sobre as necessidades do homem . . . A novidade não afeta o conteúdo da mensagem evangélica, que não muda, pois Cristo é “sempre o mesmo: ontem, hoje e sempre”. Pôr isso o Evangelho há de ser proclamado em total fidelidade e pureza, assim como foi conservado e transmitido pela Tradição da Igreja. Evangelizar é anunciar uma pessoa, que é Cristo.”⁹
- E nossa vocação missionária nos inquieta, pois sabemos, assim como nós trabalhamos para evangelizar, não somos ingênuos e inocentes de pensar que não há oposição à nossa ação evangelizadora. Existe uma poderosa contra-evangelização que se opõe com meios atraentes aos valores do Evangelho. Mas nos diz João Paulo II: “. . . Nada vos pode fazer calar. Sois arautos da verdade. A verdade de Cristo há de iluminar as mentes e os corações com a ativa, incansável e pública proclamação dos valores cristãos.”¹⁰
- E essa Nova Evangelização tem seu ponto de partida: “. . . ela tem seu ponto de partida na Igreja, na força do Espírito Santo, em contínuo processo de conversão . . . “ pois, “só uma Igreja evangelizada é capaz de evangelizar.”¹¹
- E mais recentemente, Sua Santidade, tem insistido sobre a importância do Concílio Vaticano II. E diz que a passagem para o novo milênio: “*não poderá exprimir-se senão pelo renovado empenho na aplicação, fiel quanto possível, do ensinamento do Vaticano II à vida de cada um e da Igreja inteira.*” Razão da importância do Concílio é que ele desperta em toda a Igreja: “*Uma consciência nova da missão salvadora recebida de Cristo.*”¹²

PROJETO DE EVANGELIZAÇÃO RUMO AO NOVO MILÊNIO - PRNM

E foi neste espírito que se assumiu o processo de preparação e celebração do grande jubileu dos dois mil anos do nascimento de Cristo, motivado pela carta do PAPA João Paulo II “Tertio Millennio Adveniente”, a CNBB incentivou toda a Igreja a abraçar o Projeto de Evangelização “Rumo ao Novo Milênio”.

Este projeto continha extensa programação, com atividades de formação bíblica, cristológica, eclesiológica; com propostas de celebrações litúrgicas, com indicação de ações de promoção humana. Ele compreendia o período do Advento de 1996 até a Epifania de 2001, ou seja, o Ano Jubilar e os 3 anos de preparação para o mesmo.

⁸ Discurso aos Bispos do CELAM, 09/03/1983.

⁹ Santo Domingo 6 e 7.

¹⁰ Santo Domingo 10

¹¹ Santo Domingo 23

¹² Tertio Millennio Adveniente 20 a 21

“O PRNM visou ajudar as comunidade católicas do Brasil a aprofundar sua fé, sua fraternidade, seu compromisso com a construção da sociedade solidária e justa, sua prática litúrgica para bem celebrar o jubileu de 2.000 anos de nascimento de Jesus Cristo.”¹³

Nos deparamos na vivência do PRNM com algumas indagações:

1. Como devem ser as comunidades eclesiais no início do novo milênio?
2. A que desafio a Igreja deve responder no alvorecer do novo século?
3. Em que pode se espelhar a Igreja em cada fase de sua história?

Com estas questões a serem refletidas e respondidas; fazia-se necessário continuarmos. O que fazer depois do PRNM?

- Todo o trabalho de evangelização realizado tão intensamente nos últimos anos do século XX, tinha sido o lançar a semente, o trazer a ovelha ao aprisco; como fazer frutificar, como pastorear, como desenvolver?
- Como renovar o ardor missionário da Igreja no início do século XXI?

OLHANDO PRA FRENTE – SINM

São questionamentos que nos inquietam, e que, nos levam a buscar respostas as estes desafios.

Na Assembléia de Porto Seguro, comemorando os 500 anos de Evangelização do Brasil e o Jubileu do ano 2000 de Cristo, o Episcopado aprovou as grandes linhas de um novo Projeto: “**Ser Igreja no Novo Milênio**”

Assim sendo, o Episcopado brasileiro nos lança diante de todas estas provocações, que exigem ação de nossa parte: Ser Igreja no Novo Milênio (SINM).

O SINM tem como finalidade central: **renovar a consciência da identidade e da missão da Igreja no Brasil**. Este projeto pretende o “anúncio claro e inelutável do Senhor Jesus”, uma “evangelização verdadeira onde o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino e o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, sejam anunciados”.¹⁴

O projeto, (SINM) porém, não tem respostas prontas, quer colocar as comunidades eclesiais em atitude de busca e reflexão, para discernir – à luz do Espírito Santo – o que fazer? e como devem ser?

O farol que iluminará nossa caminhada, no programa oferecido pelo **SINM**, será o estudo do livro dos ATOS DOS APÓSTOLOS, onde buscaremos toda a fundamentação Bíblica que guiará os aspectos atuais da vida e da missão da Igreja.

Para que a nossa renovação eclesial e ação missionária não sofram nenhum desvio, elas se firmarão em dois princípios e a eles serão fiéis: **I) à Palavra de Deus e à Igreja das origens; II) ao contexto em que vivemos e aos sinais atuais da vontade de Deus.**

Nestes últimos quatro anos fizemos uma preparação para a chegada do novo milênio. Em nossas comunidades fizemos o estudo dos quatro Evangelhos. Em 1.997, caminhamos na estrada de Jesus, no evangelho de Marcos. Em 1.998, acolhendo a salvação que entra em nossa casa, Evangelho de Lucas. Em 1.999, com o Reino que está no meio de nós, Evangelho de Mateus. Em 2.000, sendo uma Igreja que acredita, Evangelho de João. Estudo este, que nos ajudou a aperfeiçoar a nossa vida cristã e o nosso testemunho.

Nos próximos dois anos (2.001 / 2.002) estaremos estudando, aprofundando e meditando o livro dos Atos dos Apóstolos. Este livro vai nos ajudar a conhecer a história dos seguidores de Jesus, digo de seus discípulos, dos apóstolos e daqueles, que o acompanhavam. Com isto teremos a continuação do Evangelho, uma vez que é Lucas, o autor do 3º Evangelho quem escreve os Atos dos Apóstolos.

O PAPA João Paulo II ajudou-nos a aprofundar nossa fé e conhecimento nas três pessoas da Santíssima Trindade, em cada ano na preparação para o terceiro milênio. Para continuarmos esse aprofundamento os Atos dos Apóstolos nos ajudará a compreender melhor a missão de evangelização que é confiada à Igreja. Ao estudarmos o projeto **SINM**, veremos que a Igreja está em destaque.

“A escolha do tema Igreja, . . . foi feita a partir de uma indicação unânime da Regionais da CNBB. Temos motivos para acreditar que essa proposta corresponde à consciência de que é preciso repensar a vida e ação da comunidades eclesiais no contexto de rápida mudanças na sociedade e na cultura, com fortes repercussões sobre a vida interna da Igreja.

Essa consciência já aflorava nas Diretrizes, mas vai tornando mais clara e explícita, ao menos na percepção dos sociólogos. O processo é menos percebido pôr fiéis e pastores, porque é constituído mais pôr uma mudança nas motivações interiores da fé ou da religião e menos pôr mudanças nos ritos ou nas atitudes exteriores, embora ultimamente algumas conseqüências tenham sido tornadas mais visíveis pela mídia.

Basicamente, nas últimas décadas, no Brasil (e um pouco em todo o mundo ocidental, predominantemente cristão), a religião passou de um primado ou predomínio da instituição para a primazia do indivíduo. Passou também, ao mesmo tempo, de uma orientação clara para Deus ou a transcendência para a busca de solução imediatas, as vezes quase mágicas, dos problemas humanos de todos os dias. (...)

Nesse contexto, o novo projeto de evangelização aposta na revalorização da comunidade eclesial, não simplesmente repetindo o passado, mas procurando construir a Igreja numa cultura nova, diferente, profundamente

¹³ Olhando pra frente, CNBB, p 13

¹⁴ Evangelli Nuntiandi 22

mudada. Um projeto portanto, atento a “re-situar”(ou configurar de novo) as comunidades eclesiais no meio da sociedade, prestando atenção de um lado às questões sociais maiores, comuns, do interesse de todos (“presença pública” da Igreja) , e, pôr outro lado, prestando atenção à pessoa, a fim de que o indivíduo cresça em liberdade e responsabilidade e, sobretudo, encontre a educação da fé e alcance a maturidade cristã.¹⁵

Todo esse repensar das comunidades eclesiais; levará cada uma, a uma profunda reflexão sobre sua missão e a discernir os sinais da vontade do Espírito Santo, que guia a Igreja. Levando-a a uma renovação profunda e a um novo ardor missionário, retomando a mística da Igreja apostólica, favorecendo uma vivência profunda da espiritualidade e um empenho mais ardoroso na evangelização e no comprometimento de seus membros.

O **SINM**, quer levar-nos a superar as divisões em partidos ou grupos. Procurando o diálogo, o entendimento, a solidariedade e o enriquecimento mútuo. Somos convocados a darmos um testemunho de unidade “**para que o mundo creia**”. A diversidade e a pluralidade não dividiram os cristãos nos primeiros séculos; mas reforçaram os laços de sua comunhão.

E somos chamados a viver o diálogo e o respeito às diferenças hoje. Abrindo perspectivas não só dentro de nossa Igreja Católica, mas a um diálogo ecumênico entre as diversas Igrejas cristãs e mais amplamente dialogarmos com diversas religiões e culturas.

O livro dos Atos dos Apóstolos, nos revela uma Igreja de vivência comunitária, não de cristãos individualistas; fechados em suas crenças particulares. Mostra-nos a transição do mundo judaico, berço da fé cristã, para o mundo pagão com sua multiplicidade de deuses, crenças, filosofias, culturas. Uma Igreja nascente que é compreendida pôr povos de línguas diversas.

Pedro (seu primeiro PAPA) teve que aprender que: “ Deus não faz distinção de pessoas”¹⁶. Que é possível que uns sejam circuncidados, outros não, e todos se aceitam como irmãos. O diálogo é especialmente urgente hoje. E somos chamados a enfrentar com criatividade os desafios.

Atentos às indicações do Espírito Santo, estaremos dispostos a construirmos, no século XXI, com doação e perseverança, algo semelhante ao cristianismo do século I; que foi semente de transformação para o mundo antigo e que é modelo para a Igreja, em cada época da história.

Podemos vislumbrar que o Projeto está voltado para a renovação, dinamização e valorização da comunidade eclesial. Visando ajudá-la a se organizar diante da nova realidade, aberta às questões sociais maiores e atenta à pessoa, com isso, buscará um crescimento em sua identidade e responsabilidade. Voltada para fora, vivendo a grande missão do batizado: Evangelizar.

CRONOGRAMA DO SINM

“ A proposta é estender o Projeto SINM ao longo de dois anos, 2001 a 2002, ou mais exatamente da Páscoa de 2001 à Páscoa de 2003, quando uma nova Assembléia do Episcopado definirá as Diretrizes da Ação Evangelizadora (DGAE) para os quatro anos seguintes (2003 – 2006).

Ora, embora sem se restringir a isso, o Projeto SINM e a reflexão sobre a missão da Igreja na atual conjuntura, que ele proporciona, constituem uma oportunidade preciosa para avaliar a nossa caminhada pastoral, seus avanços e suas dificuldades, e para iniciar o processo de elaboração das DGAE 2003-2006. Dessa forma, as DGAE, poderão brotar de uma reflexão ampla e participada, com a contribuição das Igrejas locais ou particulares.

Convém que o Projeto SINM tenha a abrangência de dois anos, não só para se inserir nos prazos já tradicionais no calendário pastoral da Igreja no Brasil, mas também para alcançar seus objetivos e permitir um estudo mais aprofundado e não demasiadamente apressado dos Atos dos Apóstolos”¹⁷.

Podemos ver como continuidade, a vivência do Projeto SINM, a partir das exigências permanentes de evangelização, adotadas nos projetos anteriores a este. De maneira concreta, nestes dois anos, evangelizaremos a partir do serviço(diakonia), do diálogo, do anúncio (Kerygma), da comunhão (koinonia)e também, a partir dos desafios da nova evangelização resumidos pelo Papa para o Sínodo das Américas em “ conversão, comunhão e solidariedade”.

COMO FAZER O PROJETO ACONTECER?

Depende de cada um de nós. Precisamos dar passos para que ele aconteça nas nossas comunidades e grupos de oração. Ele é proposto para toda a Igreja: “ às comunidades e **aos grupos** (de casa, de rua, de associação ou **movimento** etc.)”, com “ um programa diversificado de atividades que será desenvolvido com a ajuda de subsídios apropriados”¹⁸

¹⁵ Vida Pastoral Jan/Fev 2001, Pe. Alberto Antoniazzi.

¹⁶ At 10,15

¹⁷ Olhando pra frente, CNBB, pp 12-13.18

¹⁸ Olhando pra frente, CNBB, p 23

Este “ Projeto apóia, em linhas gerais, as pastorais e os movimentos que tem finalidades específicas. Os membros da Obra Vicentina, do Apostolado da Oração, da Legião de Maria, **da Renovação Carismática** e de outros movimentos, o(a) colaborador(a) da Pastoral da Criança ou das Pastorais Sociais, o(a) catequista, o(a) ministro(a) da Eucaristia, **não devem deixar suas atividades permanentes e específicas**. Ao contrário, espera-se que a participação na liturgia dominical e nos grupos de reflexão sobre os Atos dos Apóstolos lhes dê mais ardor e uma consciência mais plena da sua responsabilidade no campo da evangelização e da pastoral”¹⁹

Lembremos as palavras do Conselho Nacional, quando nos exorta a assumirmos este Projeto para nortear todas as programações da RCC:” Em comunhão com toda a Igreja – e sem abandonar a consecução dos objetivos que são próprios do Movimento e que já foram discernidos em planos anteriores -, a Renovação Carismática Católica do Brasil, pôr determinação e aprovação de seu Conselho Nacional, orienta a todas as suas coordenações (de nível nacional, estadual, diocesana, paroquial, de grupo e secretarias de trabalho) a que assumam, em espírito de adequada comunhão e unidade, o Projeto “ Ser Igreja no Novo Milênio”, como núcleo norteador e de motivação para as suas atividades durante os próximos 2 anos. O Projeto – riquíssimo em seu conteúdo e dinâmica, e bem ao gosto da espiritualidade e da prática missionária da RCC – será ainda incrementado pôr outros subsídios oferecidos pela própria CNBB, bem como pôr material que será disponibilizado pela Comissão de Formação e pela Secretaria Paulo Apóstolo”.²⁰

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Este material que agora é disponibilizado e que deve ser implementado inicialmente pela Escola Paulo Apóstolo serve como um treinamento inicial para que os Grupos de Oração possam estar preparados para tratar do assunto em suas reuniões semanais. Esse conteúdo básico visa formar, dar conhecimentos mais amplos aos líderes para o trabalho. Já para o trabalho específico nos grupos, existe um roteiro próprio da CNBB, com passagens bíblicas adequadas que se encontram ao final do livro “Olhando para Frente”. A Secretaria Paulo Apóstolo deverá preparar alguns “Planos de Palestra” para esse trabalho nos G.O..

Outra sugestão importante vai no sentido de levar os participantes dos G.O. a terem atividades durante a semana, em suas casas e nos Grupos de Perseverança e/ou crescimento. O núcleo de serviço dos grupos podem estudar, de acordo com a realidade de cada grupo, alguma leitura, uma questão para ser meditada, e assim por diante. Como o objetivo é rever a vida da Igreja primitiva (Atos dos Apóstolos), podemos procurar identificar atitudes, fatos e testemunhos dos primeiros cristãos e ver como isso nos ajuda (a cada um de nós e ao G.O.) a Ser Igreja no Novo Milênio.

Como a grande maioria dos membros dos G.O. participam de outras atividades na Paróquia, este conhecimento que está sendo repassado pela RCC poderia ser usado para o enriquecimento das atividades próprias da Paróquia, **respeitando as suas características**, da mesma forma que nós queremos que sejam respeitadas as nossas.

¹⁹ Olhando pra frente, CNBB, p 23.

²⁰ Plano de Ação 2001, Escritório RCC/BR – Conselho Nacional.

ENSINO 2

JESUS E SEUS SEGUIDORES

INTRODUÇÃO

A história do cristianismo tem a sua origem no seio do povo judeu. Pelas próprias dificuldades de sobreviver no meio dos judeus e também porque a fé cristã ganhou o mundo, acabou por haver uma desvinculação entre cristianismo e judaísmo. A história registra mesmo momentos de grande rejeição pelo povo judeu que atinge seu momento mais crítico com a Segunda Guerra Mundial. Essa atitude que não se coaduna com os ensinamentos de Jesus Cristo vem sendo superada nos últimos anos e o Papa João Paulo II tem se dedicado à essa saudável e necessária aproximação pois cremos no mesmo Deus.

Não podemos retomar aqui todos os aspectos verdadeiramente decisivos dessa relação entre cristianismo e o povo judeu, mas alguns aspectos rápidos da realidade, da fé e dos hábitos dos judeus já nos ajudam a compreender melhor os Atos dos Apóstolos (todos judeus) que vamos estudar. Estudos recentes nos ensinam que, tirando o nosso preconceito e até mesmo rejeição, podemos aprender mais do que sabemos até hoje sobre Jesus (que, convém não esquecer, era judeu e em momento algum renunciou a isso) e seus seguidores.

SITUAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA NO TEMPO DE JESUS – um pouco da história

O cenário sócio – político- econômico tem uma imagem diferente ao longo dos anos e em cada local. Cada povo , cada nação é submetida a leis e normas de acordo com os seus governantes.

Os povos antigos já viviam submetidos à dominação estrangeira ,e esta era a experiência da comunidade judaica. No século VI a.C., os judeus estiveram sob o domínio babilônico, passando depois para as mãos do império persa.

A partir do século IV a.C. foram dominados sucessivamente pôr Alexandre Magno, pêlos ptolomeus (imperadores do Egito) e pêlos selêucidas (da Síria). Aproximadamente sessenta anos antes do nascimento de Jesus, o território judaico ficou outra vez sob o domínio estrangeiro, desta vez pelo império romano.

O império romano mantinha o território judaico sob controle através de autoridades de sua confiança, e estes eram responsáveis pela cobrança do tributo(os publicanos - fiscais – arrecadavam o valor diretamente de cada cidadão) e pôr abafar qualquer resistência ao império, mantendo assim a ordem.

Na terra de Jesus, o sistema de colonização ocorria da seguinte forma: na Galiléia, a família de Herodes, de raiz judaica, governava atendendo aos interesses romanos. Na Judéia a intervenção romana era direta, através dos procuradores. Na época da morte de Jesus, o “rei ” da Galiléia era Herodes Antipas e o procurador romano na Judéia era Pôncio Pilatos.

A COMUNIDADE JUDAICA

Os judeus possuíam uma antiga tradição religiosa vinda dos Patriarcas e Profetas e estava codificada no que hoje chamamos de Antigo Testamento. Sobre essa tradição, estava construída a identidade do judaísmo como nação que se considerava “povo eleito” ou “ povo de Deus” .

A identidade judaica era ameaçada pela política internacional , pôr isso os judeus tentavam enfrentar os romanos, expulsá-los de sua terra, porém eram um povo pequeno e sem preparo militar.

A situação econômica dos judeus não era das melhores, existia um minoria de famílias ricas, dentre eles a família de Herodes, os altos funcionários da corte , os grandes proprietários de escravos e de imóveis e os grandes comerciantes. Algumas pessoas dessas classes exerciam autoridade oficial e faziam parte do alto escalão dos sacerdotes e para garantir a posição faziam o jogo dos romanos.

Na comunidade judaica existiam instituições e partidos que exerciam a autoridade, cada qual a seu modo:

Os SADUCEUS , constituídos pela elite, gente da nobreza sacerdotal e das famílias ricas, eram um grupo organizado, obedeciam ao Torá escrito (conjunto dos escritos sagrados do judaísmo). Mantinham boas relações com os romanos e tinham grande influência na política e administração pública.

Os FARISEUS representavam a oposição. Grupo composto em sua maioria pôr leigos, era bem organizado, e impunha regras para admissão de novos adeptos. Buscavam viver os mandamentos do Torá, que era interpretado pêlos escribas. Os fariseus eram homens de prática e pôr este motivo tinham prestígio junto ao povo.

Do farisaísmo nasceram outras comunidades , os ESSÊNIOS pôr exemplo formavam comunidades de oração e de vida correta, longe do movimento das cidades. Outro grupo era o dos ZELOTES , grupo de oposição aos saduceus, a denominação vinha do fato de serem zelosos defensores da pureza da religião e do culto .

A classe dos ESCRIBAS era composta pôr teólogos e doutores do Torá, tinham a autoridade baseada no saber. Eram homens estudados. Dedicavam-se à discussão e ensino das tradições judaicas acerca de Deus, do direito e da administração da justiça. Os escribas eram reverenciados e temidos pela gente simples do povo. Exerciam seu magistério nas sinagogas – uma espécie de associação local de judeus – onde realizava-se a reunião semanal de

celebração do dia sagrado do Sábado e de leitura do Torá. O centro do culto judaico era o templo de Jerusalém, local das grandes festas, quando judeus de todas as nações vinham ali rezar.

Havia em Jerusalém uma espécie de suprema corte de justiça chamada SINÈDRIO, composta pôr chefes dos sacerdotes, anciãos da nobreza leiga, escribas e fariseus. Tinha como responsabilidade as questões jurídicas e religiosas e a manutenção das estradas e do abastecimento de água.

Vale notar que esses grupos religiosos tinham uma vivência séria dos preceitos de Deus. Seus conhecimentos eram bem consolidados por anos de estudo. A formação e a catequese era aplicada na sinagoga de forma sistemática e disciplinada. Conhecemos, por exemplo o testemunho de Paulo que fora formado aos pés de Gamaliel, respeitado sábio judeu. Ele era fariseu e proclama de si mesmo: “quanto à justiça legal, declaradamente irrepreensível”²¹. Para o cristianismo então, não se trata de anunciar a boa nova a um povo sem formação religiosa, mas, bem ao contrário, era um povo conhecedor da Palavra de Deus, lida e debatida todos os sábados na sinagoga.

OS SEGUIDORES

Conhecendo um pouco mais a respeito do povo judeu já podemos dimensionar melhor o tamanho do desafio que ficou para os seus seguidores pois, mesmo com a morte de Jesus, o seu projeto jamais morreu, continuou vivo na experiência de fé de seus discípulos.

Foi a abertura ao Espírito Santo de Deus que moveu os discípulos a prosseguirem freqüentando o templo e a sinagoga e a viver conforme as tradições judaicas. Com o tempo passaram a compreender toda a inspiração dada a Moisés para libertar o povo do Egito, a Davi para organizar a nação, aos profetas para brigar pôr justiça. Essa compreensão era expressa através de bonitas afirmações de fé sobre Jesus e devagarinho foram ampliando e passaram a ser rezadas em diversos hinos da liturgia das primeiras comunidades.

Centrados em Jesus e movidos pelo Espírito Santo, os discípulos iniciaram uma intensa atividade missionária. Em menos de 40 anos depois da morte de Jesus, já havia comunidades de seguidores espalhadas pôr todo o mundo greco-romano.

À medida que se espalhava, o movimento de seguidores de Jesus ia também demarcando sua própria identidade e rompendo com as raízes judaicas. Nos anos 40, já eram chamados de cristãos²².

O processo de rompimento foi fortalecido com a guerra judaica contra os romanos. Os judeus nacionalistas começaram, pelo ano 66, um movimento de guerrilha, porém despreparados e sem apoio foram derrotados pelo exército romano que tomou a capital Jerusalém, destruiu o templo e dispersou os rebeldes.

Duas décadas depois da derrota a comunidade judaica começou a se reorganizar e reconstruir a sua identidade. Os mestres fariseus visando defender a fé, multiplicaram as normas e julgavam-se os legítimos intérpretes e continuadores da tradição religiosa iniciada com Moisés. Foi aí que se deu o rompimento entre os primeiros cristãos e a comunidade judaica, pois os cristãos afirmavam que Jesus era o Messias esperado. A partir dos anos 70 os cristãos, que já eram perseguidos, passaram a ser expulsos das sinagogas.

Enquanto se espalhavam e criavam sua identidade própria, os seguidores de Jesus foram formulando o núcleo central de suas próprias convicções de sua fé, o querigma

O QUERIGMA CRISTÃO PRIMITIVO

O Querigma cristão primitivo testemunhava basicamente que:

- Jesus, judeus, era enviado de Deus para libertar o homem de todo o jugo;
- Foi, no entanto, condenado à morte pêlos chefes de seu povo;
- Deus, todavia, o reconduziu da morte à glória; de pedra rejeitada tornou-se pedra angular;
- Isso fazia parte dos planos divinos, conforme se podia ler na Lei e nos Profetas, as escrituras judaicas;
- Ele voltaria para julgar e restaurar o mundo, na linha de um Reino de Deus definitivo;

Tudo isso, finalmente, constituía um convite e um desafio a associar-se no Espírito de Jesus, batizando-se em seu nome.

O núcleo cresceu na forma de um proclamação oral e foi preservado no culto e em outras reuniões comunitárias. Não havia então nada escrito no Novo Testamento. Com tal proclamação, os seguidores de Jesus buscavam esclarecer a si mesmos e aos outros o sentido do caminho que seguiam.

Os evangelizadores e as comunidades cristãs foram reunindo materiais para explicitar e desenvolver a proclamação, surgindo assim narrativas sobre o sentido da paixão, morte e ressurreição de Jesus; coletâneas de milagres; coleções de ditos de Jesus, lembrando seu jeito de falar em parábolas, seu confronto com autoridades religiosas.

²¹ Cf. Fp 3, 6b

²² Cf. At 11,26

OS ESCRITOS NO NOVO TESTAMENTO

O material mais antigo e fragmentário serviu de base para a criação de dois tipos de literatura que compõem a maior parte do Novo Testamento: as epístolas e os evangelhos, um novo modo de escrever criado pelos cristãos.

- **As epístolas :**

Assemelham-se a carta aberta, escritas para serem lidas numa comunidade reunida, dando orientações práticas sobre a conduta cristã. Não estavam interessadas em questões pessoais e nem se pareciam com discursos.

Os escritos mais antigos do Novo Testamento, anteriores aos evangelhos, são as epístolas do apóstolo Paulo de Tarso.

Em algumas décadas, à medida que os apóstolos e os discípulos foram morrendo, as comunidades passaram a enviar umas às outras cópias dessas epístolas, formando verdadeiras “coleções” de carta.

- **Os evangelhos**

Nasceram como resposta aos desafios que as comunidades viviam. Diferenciavam das epístolas pois falavam de Jesus o tempo todo, mas não são a história de Jesus, são um testemunho cristão. Nasceram interessados no sentido que a vida e a morte do mestre de Nazaré tinha para o momento presente da comunidade.

Os evangelhos foram elaborados a partir da organização ou montagem de documentos mais antigos e soltos. Antes de existir os quatro evangelhos, já existia o evangelho único de Jesus Cristo, a sua boa nova, a centralidade de sua pessoa. É pôr isso que costumamos dizer evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos, evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas... A palavra **evangelho** refere-se à mensagem de Jesus e ao texto escrito.

O primeiro a escrever um evangelho foi Marcos, ele utilizou como fonte uma narrativa sobre a paixão de Jesus e também uma coletânea de milagres e alguns ditos(logia) de Jesus.

Neste livro Jesus se apresenta debaixo de um certo segredo, não é fácil saber quem ele é, o único jeito é seguindo o seu caminho. Esse caminho vai dar na experiência de perseguição, de paixão. É pôr isso que Marcos dá tanto destaque à paixão de Jesus.

Cerca de dez anos depois, Mateus e Lucas também escreveram seus evangelhos, utilizando como base o texto de Marcos e outra fonte conhecida como “ fonte dos logia” ou “ fonte Q”.

Quando os três evangelhos já circulavam entre as comunidades cristãs, foi escrito o evangelho de João.

Evangelho de Lucas

Lucas “escreve essa obra para ajudar as comunidades a terem segurança e confiança na comunidade. Ele quer que verifiquem a solidez do caminho no qual estão andando.

Em que consiste esta solidez? Para Lucas ela consiste no fato da salvação ter entrado na casa da comunidade. Consiste, pôr isso mesmo, no viver hoje esta salvação. Como conseqüência, viver de acordo com a graça que irrompeu nesta casa . ele quer ajudar para que aconteça a salvação no hoje da sua comunidade.

Para conseguir isso, Lucas mostra como, a partir de Jesus, a salvação entra na casa do povo de Israel e na casa da humanidade. Não se trata, portanto, da salvação de um povo privilegiado apenas. É uma salvação universal, Lucas, faz questão de mostrar, também que a salvação inclui os excluídos pela sociedade e pela própria religião da época e de todos os tempos. Os pobres e os pecadores são os últimos que se tornam os primeiros.

Lucas, quer mostrar, em síntese, o lugar das comunidades na história da salvação. Achando seu lugar nesta história, elas podem reencontrar orientação e ânimo para seguir em frente. Melhoram a auto-imagem e recuperam a confiança em si mesmas.

O autor sabe que as comunidades não são perfeitas, mas constituídas de pecadores. Ele quer encorajá-las, então, com a misericórdia de Deus manifestada na relação de Jesus com os pecadores.

Lucas, mostra, ainda, o sentido do tempo presente, da responsabilidade do dia-a-dia, diante da expectativa do Reino definitivo. A salvação é uma tarefa para hoje.”²³

O EVANGELHO E AOS ATOS DOS APÓSTOLOS – DE LUCAS

“A obra de Lucas tem 2 partes principais: O evangelho e os Atos dos Apóstolos. Elas são como duas casas construídas uma ao lado da outra. O evangelho apresenta Jesus ajudado com a força do Espírito Santo²⁴ , fazendo o bem e curando a todos²⁵ . Os Atos mostram as comunidades testemunhando Jesus com a mesma força do Espírito Santo²⁶ , realizando as mesmas obras de Jesus²⁷ e sofrendo sorte igual à dele²⁸ .

²³ Hoje a Salvação entra nesta casa, CNBB, pp 29-30

²⁴ At 4, 14

²⁵ At 10, 38

²⁶ At 1, 1-13

²⁷ At 3, 1-10

Até então, nenhum outro escrito tinha mostrado tão claramente essa relação entre a caminhada de Jesus e a das comunidades. Graficamente, pode-se representar essa relação da seguinte maneira:²⁹

Casa No. 1 Evangelho Lucas	Casa No. 2 Atos dos Apóstolo
Evangelho de Jesus: Jesus age com a força do Espírito Santo	Evangelho do Espírito Santo: As comunidades agem com a força do Espírito Santo
Tempo de Jesus.	Tempo da Igreja

Lucas divide portanto, a história da salvação em 3 etapas fundamentais:

A) Tempo da Preparação:

Tempo do povo de Israel do Antigo Testamento. Ele chega até João Batista mas só encontra seu sentido verdadeiro na etapa seguinte.

B) Tempo da Realização:

Tempo de Jesus e da Igreja. Nele cumpre-se as promessas do Antigo Testamento. É o tempo que estamos vivendo e que começa com Jesus de Nazaré.

C) Tempo da Plenitude:

Plenitude escatológica, no fim da caminhada. É a perspectiva que mantém acesa a esperança e o testemunho em meio às dificuldades da história.

Podemos representar tudo isso neste gráfico:

História da Salvação		
Tempo da Preparação	Tempo da Realização	Tempo da Plenitude
Antigo Testamento	Novo Testamento	Parusia
Povo Israel	Jesus (Lucas) Igreja (Atos)	

Os Atos dos Apóstolos também podem ser considerados como o “quintal” da casa do Evangelho de Lucas.

“ Lucas teria escrito essa obra uns dez anos depois de escrever o Evangelho, o seu primeiro livro³⁰. Eram os anos 80 da era cristã.(...) O ponto de articulação entre os dois livros é a Ressurreição de Cristo: ela é a “dobradiça” da porta que faz a passagem da casa do Evangelho de Lucas para o grande “ quintal “ dos Atos. O Evangelho termina na Ressurreição, com Jesus pedindo aos discípulos que aguardem em Jerusalém e sendo, em seguida, elevado ao céu³¹. Os Atos começam aí mesmo, com as mesmas palavras³². Mas o “quintal” da casa não tem cerca: se perde de vista atrás das serras, atravessando planícies, matas, rios e mares... Ele é este “mundão de Deus”!”³³

“ Lucas vê a Ressurreição de Jesus como o centro da História. Ele relaciona os acontecimentos que narra com alguns fatos marcantes da história humana, principalmente da política. É o seu modo de dizer que a salvação acontece na história, que a fé não é desligada dos fatos da vida. Para ele não existe uma história profana e uma história sagrada. Tudo é uma história só. O Cristo ressuscitado é o ponto de chegada da primeira etapa da história: nela o povo de Israel desempenhou o papel principal. Ao mesmo tempo Cristo é o ponto de partida da segunda e definitiva etapa: nesta o povo das comunidades é o novo agente fazedor da história. O livro dos Atos não tem ponto final.”³⁴

“Para Lucas, da mesma forma, Jerusalém é o lugar central. E, dentro dela, o Templo é o polo em torno do qual giram os acontecimentos salvíficos. Para lá se encaminha Israel: Zacarias, Maria e José, Simeão, o próprio Jesus e depois os discípulos. Mas de lá eles vão sair, para serem” testemunhas até os confins da terra”³⁵. Levam consigo as experiências adquiridas, costumes, cultura, religião, mas querem começar uma nova fase, um novo jeito de ser. De uma nova forma o Ressuscitado continua agindo na história pôr intermédio da grande comunidade da Igreja, animada pelo seu Espírito, aberta ao mundo, às culturas, ao povo.”³⁶

²⁸ At 7, 55-60

²⁹ Hoje a Salvação entra nesta casa, CNBB, pp 35-37

³⁰ At 1,1

³¹ Lc 24, 46-53

³² At 1,1-11

³³ Curso Bíblico Popular, Atos dos apóstolos 1-15, CNBB, p 6

³⁴ Curso Bíblico Popular, CNBB, p 7, Ed. Paulinas

³⁵ At 1,8

³⁶ Curso Bíblico Popular, CNBB, p 7, Ed. Paulinas

LUCAS, AUTOR DE ATOS

“Não podemos dizer com certeza que o autor do livro de Atos tivesse sido companheiro de Paulo. Mas podemos afirmar com garantia total que o autor de Atos dos Apóstolos foi o mesmo que escreveu o terceiro Evangelho: - Lucas.

O livro de Atos se apresenta, já no primeiro versículo, como sendo a continuação de um primeiro livro, o Evangelho”. Os quatro primeiros versículos são um pequeno resumo do Evangelho.

“No Evangelho, o “tempo de Jesus” começa depois de seu batismo no Espírito ³⁷; em Atos dos Apóstolos, o “tempo da testemunhas” começa com o Dom do Espírito Santo em Pentecostes. ³⁸

Não há muito o que dizer a respeito de Lucas. Pôr causa das muitas notícias que ele deu sobre a comunidade cristã de Antioquia, diríamos que era um cristão daquela comunidade. Pela língua grega bem escrita e pelo estilo de narrar, poderíamos arriscar dizer que foi um cristão grego, ou pelo menos que escreve para cristãos do mundo grego.

Lucas, escreveu o livro dos Atos do Apóstolos entre os anos 80 e 90, dirigindo-se a comunidades cristãs que se organizavam cada vez mais desligadas da Tradição judaica e cada vez mais perseguidas pelo Império Romano. Aquelas comunidades deviam se perguntar. Se não somos judeus, quem somos? E pôr que somos perseguidos? Ao falar dos primeiros tempos do testemunho cristão, Lucas tem um só objetivo: Ajudar as comunidades cristãs a compreenderem o seu próprio tempo, o seu próprio caminho. E a caminhar.” ³⁹

O QUE DEVO FAZER?

No livro dos Atos, cada pessoa ou grupo que acolheu a vocação cristã é chamado a perguntar: “E agora, o que devo (devemos) fazer?” ⁴⁰. De fato, todos os discípulos são chamados a evangelizar, a testemunhar. **Todos são chamados a ser missionários.** “Quem verdadeiramente encontrou Cristo, não pode guardá-Lo para si; tem de O anunciar. É preciso um novo ímpeto apostólico, vivido como compromisso diário das comunidades e grupos cristãos. Que isso se faça, porém, no devido respeito pelo caminho próprio de cada pessoa e com atenção pelas diferentes culturas em que deve ser semeada a mensagem cristã, para que os valores específicos de cada povo não sejam renegados, mas purificados e levados à sua plenitude”, conclui o Papa. ⁴¹

Da evangelização e da edificação da Igreja local todos os discípulos são chamados a participar, cada um segundo seu carisma, que posto a serviço da comunidade pode ser reconhecido como um “ministério” estável, permanente” ⁴². Não há ainda, na Igreja do tempo dos Atos, um único modelo de ministério para todos. Mas há uma indicação de como proceder no discernimento do que é necessário e na escolha das pessoas. Assim os Atos apresentam uma **grande variedade de personagens protagonistas da evangelização**: além dos Doze (apóstolos), são citados os Sete líderes dos helenistas, os presbíteros de Jerusalém e de outras comunidades, os “apóstolos” Paulo e Barnabé, os colaboradores de Paulo, como Silas, Timóteo e Tito... Mas também nos dão o nome e, às vezes, alguma notícia de simples cristãos, homens e mulheres, que contribuem para a difusão da Palavra ou colocam sua casa e seus recursos à disposição da comunidade; Maria mãe de Marcos, Lídia, Dionísio e Dámaris, Áquila e Priscila, Sópatros, Aristarco e Segundo... Entre estes, destacam-se pessoas ou casais que colocam à disposição a própria casa para as reuniões comunitárias. (At 2,42-47 lembrava que os primeiros cristãos rezavam juntos no Templo, mas depois “partiam o pão pelas casas e tomavam refeição com alegria e simplicidade”). ⁴³

³⁷ Lc 3, 21-33

³⁸ At 1,8; 2, 1-14

³⁹ Que Novidade é essa? CNBB, pp 36-37

⁴⁰ cf. At 2,37; 9,6; 16,30; 22,10

⁴¹ Novo Millennio Ineunte, 40

⁴² Sobre a instituição de ministros segundo as necessidades locais, cf. At 6,1-6; 14, 23; 20,28; etc

⁴³ Atos dos Apóstolos: luz para o caminho da Igreja hoje, Pe. Alberto Antoniazzi

ENSINO 3

ATOS DOS APÓSTOLOS

INTRODUÇÃO

Este Ensino 3 vai nos mergulhar não só no Livro dos Atos dos Apóstolos mas na evangelização da Igreja primitiva: como evangelizar? Como tratar os costumes judaicos em relação ao anúncio cristão? Como era feito esse anúncio, chamado de *Querigma*? As primeiras estruturas e a maravilhosa e destacada ação do Espírito Santo junto à Igreja. Estas são as questões enfocadas rapidamente neste Ensino.

OS ATOS DOS APÓSTOLOS

O título *Atos dos Apóstolos*, nos dá entender o conteúdo que vamos encontrar, neste Livro.

Diante do termo *Atos*, poderíamos até pensar, que seriam apenas, relatórios de fatos; mas vamos encontrar relatos de experiências de vida, de vida em comunidade, jeito, maneira de ser e de viver, daqueles que seguiam a Jesus, mesmo depois da Sua morte. Todos esses escritos foram feitos dentro do contexto socio-cultural e político daquela época.

O termo *dos Apóstolos*, não quer dizer que ele falará somente dos doze apóstolos que Jesus escolheu. Encontraremos várias pessoas que aderiram à fé de Jesus, e logo vão testemunhar aquilo que Deus havia realizado nas suas vidas. Essas pessoas tornaram-se missionárias. Elas sentiram-se enviadas, isto é, *apóstolas*, anunciadoras da Boa Nova de Jesus Cristo. Essa experiência de missão e testemunho é muito refletida pôr Lucas no Livro dos Atos dos Apóstolos.

UMA PAUSA NA CAMINHADA

“ O livro dos Atos é a reflexão não só de Lucas, mas de toda a Igreja quase no fim do primeiro século, sobre o caminho percorrido desde a primeira experiência da Ressurreição até o momento em que se possa dizer: “Terminei a missão”. É uma pausa na caminhada para conferir o rumo. Olhando para trás, as comunidades recolhem frutos das primeiras missões; distinguem os erros e perigos que ameaçaram fracassar o projeto de Jesus; tiram lições dos desafios que enfrentaram e das perseguições, que produziram mais discernimento. Olhando para o presente, elas interpretam o sentido da realidade que estão vivendo à luz da experiência de Jesus; percebem os novos caminhos pôr onde seguir, diante de situações antes impensadas; procuram refazer-se do cansaço e do desânimo que lhes sobrevieram; reencontram as forças para recomeçar a caminhar. Olhando para o futuro, as comunidades traçam novos rumos para a missão, na certeza de que estão ainda longe de concluí-la, mas sem abrir mão de uma convicção inabalável: o Espírito Santo, a “força do alto”, anima, guia e impulsiona as testemunhas de Jesus pelos caminhos da história. Tudo isso se encontra no livro dos Atos.”⁴⁴

A DIREÇÃO DO LIVRO DOS ATOS

“ No conjunto, o livro dos atos é construído de vários e grandes discursos(são 24 ao todo, constituindo cerca de um terço do livro), entremeados com narrativas de eventos e resumos ou sumários. Os sumários servem de amarração entre uma parte e outra. Os discursos funcionam como um dedo que aponta fornecendo a interpretação, o sentido dos eventos.

Os mesmos discursos é que vão nos dar a direção. Eles não são igualzinhos. Há diferenças significativas entre os discursos dirigidos a judeus e aqueles dirigidos a pagãos. *Mas encontramos, na maioria deles (particularmente naqueles dirigidos a judeus) uma repetição padronizada que faz eco ao Querigma cristão primitivo.* A base, portanto, dos discursos e dos eventos de Atos é a proclamação do evangelho de Jesus Cristo. Repare, pôr exemplo, como o discurso de At. 10.34-43 é uma retomada do Querigma. Esse anúncio aparece em muitos discursos. É o caminho de Jesus apresentado aos de fora da comunidade cristã – mas o que ele fala aos de dentro? Observe também o discurso de Atos 24,10-21, em que Paulo, diante da autoridade romana, apresenta a fé cristã como cumprimento das escrituras judaicas. Dificilmente um político romano entenderia o que Paulo queria dizer. Aqui, não temos que pensar no tempo de Paulo. Este é um discurso dirigido aos leitores da obra, a cristãos, portanto.

Esta é a direção para a qual os discursos de Atos apontam: o que interessa não são os eventos particulares. Eles só interessam enquanto expressão do grande evento: o caminho que a boa nova de Jesus está fazendo. É sintomático, pôr exemplo, como muitos discursos expressam, no seu conteúdo, os conflitos de identidade e o gradual rompimento com a comunidade judaica – rompimento que deixa as comunidades cristãs sem nenhum amparo legal perante o Império Romano. Também esse aspecto das dificuldades transparece no livros de Atos.

⁴⁴ Curso Bíblico Popular, CNBB, Ed. Paulinas

Em Atos, aquele caminho de boa nova está bem demarcado: o livro começa com a promessa do Senhor ressuscitado, de que o Espírito Santo guiaria os passos dos apóstolos desde Jerusalém, passando pela Judéia e Samaria, e indo para os lados dos pagãos até os confins da terra.⁴⁵ O livro termina demonstrando o cumprimento da promessa: Paulo em Roma pregando o evangelho a todos, sem nenhum impedimento.⁴⁶ No caminho da boa nova, vão acontecer as perseguições e a prisão das testemunhas. Mas será caminho sempre guiado pela presença e intervenção do Espírito de Deus.

Pôr tudo isso (sem discutir a questão do gênero literário), podemos dizer: também Atos dos Apóstolos é evangelho – evangelho de Jesus Cristo segundo o testemunho dos Apóstolos, evangelho de Jesus Cristo segundo o autor de Atos.”⁴⁷

POR QUE O LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS NO SINM?

Um livro do passado no presente?

“Não foi pôr acaso que o projeto Ser Igreja no Novo Milênio tomou como espinha dorsal o livro de Atos dos Apóstolos. Não queremos simplesmente refletir sobre os primeiros tempos de nossa história cristã. Queremos contemplar as primeiras comunidades em confronto com a Igreja que temos hoje, para descobrir linhas inspiradoras de ação. Não se trata de cópia do passado, trata-se de responder com coragem e criatividade aos desafios de hoje, como fizeram as primeiras comunidades diante da realidade em que estavam mergulhadas.

O livro de Atos foi, no decorrer dos séculos, o inspirador de múltiplas experiências de vida comunitária, de movimentos de reforma ou renovação na Igreja. Voltar às origens é uma forma criativa de refletir sobre a própria identidade.⁴⁸

Ele poderá nos iluminar na evangelização que fazemos quando nos deparamos com duas situações diferentes no nosso meio: a situação daqueles que mostram a sua fé misturando varias crenças e a outra, a situação daqueles que se comprometem pouco com a religião que assume.

“Pôr outro lado, o próprio livro dos Atos apresenta não tanto um modelo acabado de Igreja, mas principalmente “regras” ou “critérios” de edificação da “Igreja de Deus” em novos contextos, diversos daquele originário, Jerusalém e a Palestina do tempo de Jesus. O livro dos Atos, se quisermos usar uma comparação moderna, fornece o DNA da Igreja, a partir do qual – em contextos diversos – serão desenvolvidas experiências diferentes de Igrejas locais, encarnações da única Igreja de Cristo em situações diversas.

Não é difícil reconhecer (mesmo pela freqüência do vocabulário⁴⁹) os traços característicos das células germinais da Igreja:

- é o Espírito Santo que a funda e a guia, indicando os caminhos da missão;
- a missão ocupa sempre o primeiro lugar e ela se desenvolve através da pregação da Palavra de Cristo, o Evangelho;
- a Igreja se configura sempre como Igreja local, inserida numa situação e numa cultura; muitas vezes, esta Igreja nasce nas casas dos fiéis, como “Igreja doméstica”, que amplia a família humana na grande família dos cristãos, irmãos em Cristo;
- próprio *querigma* (anúncio) e sobretudo a *didaqué* (ensinamento) são formulados na linguagem e com os argumentos que o público entende (pôr isso variam na apresentação aos judeus e aos gregos, aos camponeses da Licaônia e aos intelectuais de Atenas)⁵⁰;
- os convertidos fundam comunidades fiéis “ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão (fraterna), à fração do pão (Eucaristia) e às orações”⁵¹;
- pano de fundo de todo o livro é a passagem da Igreja da Palestina e das suas origens judaicas para o mundo grego ou helenista, pagão, o que põe o problema central dos Atos, resolvido no “concílio de Jerusalém”, que está no centro do livro (capítulo 15): o problema da adesão ao cristianismo, passando do paganismo à fé em Cristo, sem assumir integralmente a antiga lei de Moisés;
- analogamente, hoje trata-se de levar a nova evangelização a pregar a mensagem do Cristo na sua autenticidade, sem um acervo de tradições eclesíásticas nascidas ao longo dos séculos, em circunstâncias passageiras, mas que não se encontram na primeira comunidade e, pior, estorvam a pureza e o vigor do Evangelho”⁵²

Vamos detalhar alguns pontos importantes, que nós vamos encontrar no Livro dos Atos, estes pontos são: os discursos querigmáticos entremeados com as narrativas; o Espírito Santo como protagonista da obra de evangelização; o desafio da evangelização inculturada das primeiras comunidades e a grande vivência de unidade e comunhão, na diversidade de carismas, ministérios e funções dos primeiros seguidores de Jesus.

⁴⁵ At 1,8

⁴⁶ At 28, 28-31

⁴⁷ Que novidade é essa? CNBB, pp 34-35

⁴⁸ Que novidade é essa? CNBB, p 7

⁴²No livro dos Atos, a expressão “Espírito Santo” volta 55 vezes; a “palavra de Deus” (ou do Senhor ou, simplesmente, a “Palavra”) é citada mais de 30 vezes.

⁵⁰ Compare os discursos de Paulo aos judeus (At 13,16-43), aos licaônios (At 14, 15-17) e aos atenienses (At 17, 22-31).

⁵¹ cf. At 2,42

⁵² Atos dos Apóstolos luz para o caminho da Igreja, hoje, CNBB

QUERIGMA

“O primeiro anúncio, que é a síntese da novidade cristã, que muitos indicam ainda hoje como o querigma”, pode ser reconstruído – à luz de Paulo e dos próprios Atos – da forma seguinte:

- Com a vinda de Jesus Cristo, as profecias chegam à realização, e uma nova época é iniciada;
- Jesus pertence à descendência ou “casa” de Davi;
- Morreu – conforme as Escrituras – para nos libertar do atual domínio do mal;
- Foi sepultado;
- Foi ressuscitado (pôr Deus), conforme as Escrituras;
- Foi exaltado à direita de Deus, como Filho de Deus e Senhor dos vivos e dos mortos;
- Voltará como juiz e salvador dos homens.⁵³

A pessoa do Espírito Santo aparece muitas vezes no livro dos Atos dos Apóstolos conduzindo o anúncio da palavra de Deus.

Realizado pelos Apóstolos o querigma é colocado de maneira diversa de acordo com o povo a que ele é aplicado, “aos Judeus Cristo é apresentado a partir da Tradição judaica; aos camponeses a partir do ciclo das estações e de sua influência na agricultura, aos intelectuais de Atenas a partir das citações de pactos e filósofos.

Existia uma grande diferença entre a pregação dirigida aos judeus e a dirigida aos pagãos:

Querigma aos Pagãos	Querigma aos Judeus
<ul style="list-style-type: none">• Fala dos aspectos essenciais da vida de Jesus.• Não cita textos dos testemunhos do Antigo Testamento,• Pode ser precedido pôr um evento particular.• Podia ser introduzido diante de situações para explicar o monoteísmo.	<ul style="list-style-type: none">• Textos de testemunhos do Antigo Testamento são amplamente citados.
<p>Centro do Querigma: A Pessoa de Jesus. . Jesus da história (Jesus de Nazaré nascido na Palestina e crucificado sob Pôncio Pilatos) . É o Cristo da fé (o ressuscitado, em quem os discípulos reconhecem o Messias, filho de Deus, glorificado pelo Pai.) O Querigma não está separado do esforço de diálogo com a cultura do povo a quem se dirige.(Era formulado na linguagem que o povo entendia, situado com relação às esperanças dos ouvintes).</p>	

54

Com tudo isso nós vamos entendendo que não podemos ter uma fórmula fixa para evangelizar os nossos irmãos. Cada pessoa, cada grupo, precisa ser ouvido, sentido primeiro, para que depois, com a graça do Espírito Santo, com toda a sabedoria, possamos anunciar a Palavra levando em conta, aquilo que ouvimos e percebemos.

É o Espírito Santo, que virá nos ensinar a traduzir, de maneira correta, a nossa evangelização, como ajudou os primeiros evangelizadores.

ATOS DO ESPÍRITO ?

“Para o livro dos Atos, a Igreja continua a obra de Jesus, mas quem assume a liderança e o protagonismo da missão é o próprio Deus, pôr meio do Espírito Santo. Ele está de tal modo a serviço de Jesus e está a tal ponto unido a Ele que Paulo pode chamá-lo Espírito de Cristo ou Espírito do Filho(de Deus) ou Espírito do Senhor, até a surpreendente expressão: “ O Senhor é o Espírito, e onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade”.⁵⁵

“O Evangelho apresenta o caminho de Jesus, o livro dos Atos apresenta o caminho das comunidades, o caminho da Igreja que continua o caminho de Jesus até os confins do mundo. A atividade missionária da Igreja é vista como uma grande viagem de Jerusalém até Roma, centro do mundo na época. Pôr isso, a evangelização é vista como caminhada e a vida cristã recebe o nome de caminho”⁵⁶.

⁵³ Olhando pra frente, CNBB, p 28

⁵⁴ Olhando pra frente pp 28-29

⁵⁵ Olhando pra frente, CNBB

⁵⁶ At 9,2/ 19,9.23/ 24,22

Podemos dizer que o livro de Atos é o Evangelho do Espírito. Aí se conta que o Espírito Santo prometido é derramado sobre todos os que acreditam em Jesus. O Espírito faz nascer as comunidades, desperta missionários e impulsiona as comunidades para o testemunho aberto e corajoso do nome de Jesus, para anunciar a palavra e a ação libertadora de Jesus.

Esse testamento provoca o surgimento da grande novidade que transforma pessoas, cria novas relações entre pessoas e grupos e muda estruturas sociais. A novidade desperta conflitos dentro da Igreja e dentro da sociedade.⁵⁷

Lucas quer mostrar a continuidade histórica do povo de Israel. A história que começa em Adão, continua com os patriarcas, com Davi, com os profetas e alcança a sua plenitude na vida terrestre de Jesus e depois dela na missão do Espírito Santo e dos Missionários. As Igrejas fundadas pelos missionários são a plena realização do Israel de todos os tempos.

Este livro focaliza a vida das comunidades, a atividade missionária dos apóstolos (atos dos apóstolos) impulsionados pelo Espírito de Jesus apresentando sobretudo os atos de Pedro e os atos de Paulo.”⁵⁸

O DESAFIO DA INCULTURAÇÃO NAS PRIMEIRAS COMUNIDADES

Já no início do Livro dos Atos., no derramamento do Espírito Santo em Pentecostes, encontramos o anúncio da Boa Nova para vários povos de origem diferente: Pardos, Medos, Elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judéia, da Ásia, do Egito, do norte da África, Gregos, Árabes . . .

A Palavra de Deus estava entrando em diversos corações, e sendo traduzida no seu jeito de anunciar pelo auxílio do Espírito Santo.

A tradução que estamos falando aqui, não é somente do aramaico para uma outra língua mas para uma cultura e uma mentalidade diferente, mantendo-se fiel ao Evangelho de Jesus.

Temos aqui, o trabalho de inculturação feito pela Igreja Primitiva.

“A inculturação é vista como um movimento de penetração de toda a cultura até seu núcleo pelo evangelho, de modo que surge uma cultura cristã. O evangelho torna-se então, a base de pensar, viver, julgar, agir. A fé (cristã) se faz cultura (cristã).” “Qualquer cultura que se deixar impregnar pelo evangelho se torna cristã com os valores anteriores e com os convertidos pelo evangelho...Jesus é a medida de toda cultura”.⁵⁹

E o Espírito Santo vai inspirando, os primeiros apóstolos a traduzirem a proclamação do núcleo do querigma, para a realidade socio-cultural de cada povo que eles evangelizavam.

E ainda “mais: o que exigir dos gregos ou de outros povos pagãos para serem cristãos? Era necessário primeiro tornar-se judeu para depois tornar-se cristão? O pagão deveria submeter-se a toda a lei de Moisés? Deveria – como diziam os judeus – “carregar o jugo” da Lei antiga? A questão dividiu os cristãos de Jerusalém e de Antioquia, mais tarde os da Galácia e até os de Roma. O assunto é central no livro dos Atos, que, bem no meio, trata da questão dentro do chamado “Concílio de Jerusalém”. De novo, é o Espírito Santo quem inspira a solução, procurada no diálogo entre Pedro e Tiago, entre os presbíteros de Jerusalém e os delegados de Antioquia”⁶⁰

“O livro de Atos pode ser iluminador nessa reflexão. Mostra uma Igreja que nasce sendo compreendida pôr povos de línguas diversas; mostra Pedro tendo que aprender que Deus não faz distinção de pessoa e que não se pode chamar de impuro o que é puro para Deus; mostra Felipe indo ao encontro de um estrangeiro de boa vontade; mostra a decisão de acolher os pagãos sem a obrigação de se tornarem iguais aos judeus, portanto da tradição do próprio Jesus; mostra que é possível que uns sejam circuncidados, outros não, e todos se aceitam como irmãos. Hoje, isso é especialmente urgente, quando a Igreja se preocupa com a educação de adultos, muitos dos quais precisam refazer o caminho pessoal e comunitário da fé ou investir na formação permanente para internalizar valores e configurar critérios da vida.

Seria muito bom que o estudo dos Atos dos Apóstolos nos mostrasse hoje caminhos para viver com a alegria fraterna a unidade na diversidade internamente, com um melhor diálogo entre as diversas forças vivas de cada Igreja e ecumenicamente na mútua colaboração e entendimento entre cristãos de Igreja diferentes. Bom seria também que tal estudo nos ajudasse a empreender o diálogo com as diferentes culturas e a parceria com pessoas e instituições que buscam, como nós, um mundo melhor, com valores evangélicos.”⁶¹

UMA COMUNHÃO ORGÂNICA: UNIDADE NA DIVERSIDADE

No livro dos Atos dos Apóstolos, nós também vamos aprofundar a diversidade de funções ministeriais e dons dos fiéis. Todos são chamados a testemunhar a Boa Notícia conduzidos pelo Espírito Santo. O testemunho de cada um provoca a fé do povo, que adere ao Senhor formando comunidades.

Apesar dos diversos ministérios a comunidade de Igreja é una.

“A comunhão eclesial configura-se, mais precisamente, como uma comunhão “orgânica”, análoga à de um corpo vivo e operante: ela, de fato, caracteriza-se pela presença simultânea da diversidade e da complementariedade

⁵⁷ At 6,1-6/ 15,1-35

⁵⁸ Atos dos Apóstolos, Primeira Leitura da Bíblia, p 11

⁵⁹ Documento de Santo Domingo

⁶⁰ Olhando pra frente, CNBB, p 29

⁶¹ Que novidade é essa? CNBB, p 10

das vocações e condições de vida, dos ministérios, carismas e responsabilidades. Graças a essa diversidade e complementariedade, cada fiel leigo encontra-se em relação com todo o corpo e dá-lhe o seu próprio contributo.

Sobre a comunhão orgânica do Corpo místico de Cristo insiste com muita ênfase o apóstolo Paulo, cuja doutrina tão rica podemos reencontrar na síntese que o Concílio esboçou: Jesus Cristo – lemos na Constituição Lumen Gentium – “comunicando o seu Espírito, fez dos seus irmãos, chamados de entre todos os povos, como que o seu Corpo Místico. Nesse corpo a vida de Cristo difunde-se nos crentes . . . Como todos os membros do corpo humano, apesar de serem muitos, formam no entanto um só corpo, assim também os fiéis em Cristo.”⁶². Também na edificação do Corpo de Cristo existe diversidade de membros e de funções. É um mesmo Espírito que distribui os seus vários dons segundo a sua riqueza da Igreja⁶³. Entre estes dons, sobressai a graça dos apóstolos, a cuja autoridade o mesmo Espírito submete também os carismáticos⁶⁴. O mesmo Espírito, unificando o corpo pôr si e pela sua força e pela conexão interna dos membros, produz e promove a caridade entre os fiéis. Daí que, se algum membro padece, todos os membros sofrem juntamente.⁶⁵

É sempre o único e idêntico Espírito o princípio dinâmico da variedade e da unicidade na e da Igreja. Lemos de novo na Constituição Lumen Gentium: “E para que sem cessar nos renovemos nele (Cristo)⁶⁶, deu-nos do seu Espírito, o qual, sendo um e o mesmo na cabeça e nos membros, unifica e move o corpo inteiro, a ponto de os santos Padres compararem a sua ação à que o princípio vital, ou alma, desempenha no corpo humano. E numa outra passagem, particularmente densa e preciosa para podermos compreender a “organicidade” própria da comunhão eclesial, também no seu aspecto de constante crescimento para a comunhão perfeita, o Concílio escreve: “o Espírito habita na Igreja e nos corações dos Fiéis, como num templo⁶⁷ e dentro deles ora e dá testemunho da adoção de filhos⁶⁸. A Igreja, que ele conduz à verdade total⁶⁹ e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos⁷⁰. Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: “Vem!”⁷¹.”

A comunhão eclesial é, portanto, um dom, um grande dom do Espírito Santo, que os fiéis leigos são chamados a acolher com gratidão e, ao mesmo tempo, a viver com profundo sentido de responsabilidade. Isso é concretamente realizado através da sua participação na vida e na missão da Igreja, a cujo serviço os fiéis leigos colocam os seus variados e complementares ministérios e carismas.

O fiel leigo “não pode nunca fechar-se em si mesmo, isolado-se espiritualmente da comunidade, mas deve viver num contínuo intercâmbio com os outros, com um vivo sentimento de fraternidade, na alegria de uma igual dignidade e no empenho em fazer frutificar ao mesmo tempo o imenso tesouro recebido em herança. O Espírito do Senhor dá-lhe, como aos outros, múltiplos carismas, convida-o a diferentes ministérios e funções, recorda-lhe, como também recorda aos outros em relação a ele, que tudo o que destingue não é um suplemento de dignidade, mas uma especial e complementar habilitação para o serviço . . . Deste modo os carismas, os ministérios, as funções e os serviços do fiel leigo existem na comunhão e para a comunhão. São riquezas complementares em favor de todos, sob a sábia orientação dos pastores.”⁷²

POSSÍVEIS DIVISÕES DO LIVRO:

Primeira:

1,1 -11	1,12 -7,60		8-15	15,36 - 19,20	19,21 -28,31		
Introdução	Jerusalém		Antioquia	A Grande Missão	O Processo		
	Os Apóstolos	Os 7 e os Helenistas			Viagem a Jerusa-lém	Em Jerusa-lém	Roma
Pedro				Paulo			

⁷³

Segunda

⁶² cf. 1 Cor 12,12

⁶³ cf. 1 Cor 12, 1-11

⁶⁴ cf. 1 Cor 14

⁶⁵ 1 Cor 12, 26

⁶⁶ cf. Ef 4, 23

⁶⁷ cf. 1 Cor 3,16; 6,19

⁶⁸ cf. Gl 4,6; Rm 8,15-16.26

⁶⁹ cf. Jo 16,13

⁷⁰ cf. Ef 4,11-12; 1 Cor 12,4; Gl 5,22

⁷¹ cf. Ap 22,17

⁷² Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo, 20

⁷³ Hoje a Salvação entra nesta casa, CNBB, Ed Paulinas

1. Introdução: (At. 1,1 - 1,26)
 2. O testemunho dos Apóstolos em Jerusalém (Atos 2,1 – 5,42)
 3. O testemunho sobre o Cristo sai de Jerusalém e toma o Reino dos Pagãos (Atos 6,1 – 15,35)
 4. O Caminho do testemunho sobre o Cristo até os confins da Terra. (Atos 15,36 – 28,31) ⁷⁴
- É esta segunda divisão que nós vamos adotar nos nossos próximos encontros.

ENSINO 4

PERSEVERAR NO ENSINAMENTO DOS APÓSTOLOS

INTRODUÇÃO

Neste Ensino nós vamos aprofundar sobre o “perseverar no ensinamento dos Apóstolos”. Este é um ponto fundamental para a Igreja desde os seus primórdios e continua sendo até hoje. Conhecer e perseverar nos ensinamentos é tarefa e missão da Igreja e dos cristãos. Agora não se trata só do Querigma mas da Didaqué (termo grego que equivale ao ensino sistemático e progressivo da fé) e de como esse ensinamento vai sendo enriquecido ao longo dos 2.000 anos em que temos perseverado.

PERSEVERAR...

A perseverança no ensinamento dos apóstolos, na comunhão, na fração do pão e na oração,⁷⁵ levou os primeiros cristãos a amadurecerem na fé, chegando a aproximar-se da estatura de Cristo. Pôr isso, agora, tomaremos esses quatro meios de crescimento, como modelo para nossas vidas e mais, para nossas vidas em comunidade, para que também possamos viver na maturidade de nossa fé e conversão.

Auxiliados pelo Espírito Santo, estudaremos os Atos dos Apóstolos, esperando colher deles, luzes que iluminem a nossa vida de comunidade, para podermos escrever os nossos próprios atos.

“Desde o início, os Atos explicitam a condição para que a comunidade eclesial, que recebeu o dom do Espírito, possa se manter fiel à mensagem e à obra de Jesus. O texto mais explícito (e justamente famoso) é o “retrato da comunidade” de At 2, 42-47. Na realidade, não é apenas um retrato. Melhor seria dizer que estamos diante de uma descrição, em linhas essenciais, do “genoma” (ou do DNA) da comunidade. Onde há uma célula deste tipo, lá pode se desenvolver uma verdadeira comunidade de discípulos de Jesus. A **condição** é formulada em quatro tópicos: **perseverança** em 1) o ensinamento dos apóstolos (ou seja, na memória da Palavra); 2) a eucaristia ou partilha do pão (síntese do exemplo de doação que Cristo deu e lugar da sua presença permanente na comunidade); 3) a comunhão fraterna, de bens espirituais e materiais (a própria Eucaristia, que une no corpo de Cristo, inspira que também o pão de cada dia seja repartido igualmente entre os irmãos); 4) a oração, que é sobretudo oração de louvor, realizada comunitária e publicamente no Templo. Veremos que esta comunidade não pode deixar de exercer a *diakonia*, o serviço aos pobres, começando pelos órfãos e as viúvas da comunidade, inspirando um modelo alternativo à sociedade desigual e egoísta que a circunda.

Também é importante frisar que a comunidade será autêntica somente se **perseverar**. Numa sociedade pluralista e cheia de outros caminhos, religiosos e não, há um perigo real (denunciado também na explicação da parábola do sementeiro ⁷⁶) que um cristão ou uma comunidade deixe “que a Palavra seja arrancada pôr Satanás” ou

⁷⁴ Que novidade é essa? CNBB, p 38

⁷⁵ cf. At 2,42

⁷⁶ cf. Mc 4, 13-20

“desista logo pôr causa da perseguição ou tribulação” ou permita que a Palavra seja sufocada, “quando surgem as preocupações mundanas, a ilusão da riqueza e todos os outros desejos”.⁷⁷

A perseverança envolve um permanecer na pessoa de Jesus, nos seus mandamentos, na sua oração e no seu exemplo de oração e de vida comunitária.

Quando falamos no perseverar dos apóstolos, lembremos que eles foram seguidores de Jesus e de sua Boa Nova, aliás, divulgadores da Boa Notícia de Jesus. Portanto, o “perseverar no Ensino dos Apóstolos era perseverar nos ensinamentos de Jesus, pois, os apóstolos aprenderam de Jesus; a oração dos apóstolos era feita a partir da oração de Jesus, Ele havia ensinado, aliás, era feita em Nome de Jesus; o centro da vida comunitária dos apóstolos, era a ressurreição de Jesus, eles se reuniam para louvar a Deus pôr tudo o que Ele havia realizado em suas vidas, na pessoa do Cristo ressuscitado, pôr obra do Espírito Santo; enfim até mesmo a “fração do pão”, em que eles eram perseverantes, é a memória da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Pôr isso, quando refletirmos na perseverança dos apóstolos, ou nos meios de crescimento das primeiras comunidades, temos de levar em conta, que para perseverar é necessário permanecer em Jesus(no Nome, nos mandamentos, na vida, na oração ...).

PERMANECEI EM MIM

“Eu sou a videira, vós os ramos, permaneci em mim.”⁷⁸.

Jesus nos faz o chamado a permanecer-mos Nele, já que Nele fomos enxertados, participando de Sua vida.

“Este é o seu mandamento: crer no nome do seu Filho Jesus Cristo e amar-nos uns aos outros, como ele nos deu o mandamento. Aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus e Deus nele; e nisto reconhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu.”⁷⁹

“ Como poderíamos fazer para permanecer, Nele?

- Crendo em Jesus e declarando-o ⁸⁰
- Permanecendo em sua Palavra ⁸¹
- Comendo sua carne e bebendo seu sangue ⁸²
- Vivendo como Ele vive ⁸³
- Permanecendo em seu amor ⁸⁴
- Guardando seus mandamentos ⁸⁵
- Permanecendo em sua doutrina ⁸⁶
- Amando-nos uns aos outros ⁸⁷
- Não amando o mundo ⁸⁸
- Não vivendo segundo a carne ⁸⁹
- Resistindo ao maligno ⁹⁰

Mas, quais seriam as conseqüências, se nós não permanecêssemos em Jesus?

- Secaríamos;⁹¹
- Não daríamos frutos abundantes, porque separados dele nada podemos fazer. ⁹²
- Nossas orações não seriam ouvidas ⁹³
- Cairíamos no pecado ⁹⁴
- Não seríamos ensinados pôr Deus ^{95,96}

⁷⁷ Atos dos Apóstolos, luz para o caminho da Igreja hoje, Pe. Alberto Antoniazzi, p 6

⁷⁸ Jo 15, 4-5

⁷⁹ 1 Jo 3, 23-24

⁸⁰ 1 Jo 4,15

⁸¹ Jo 8,31; 15,7

⁸² Jo 6, 56

⁸³ 1 Jo 2, 6

⁸⁴ Jo 15, 9-10/ 1 Jo 4, 16

⁸⁵ Jo 15, 10/ 1 Jo 3, 24

⁸⁶ 1 Jo 2, 4/ 2 Jo 1, 9

⁸⁷ Jo 15,12; 3, 14

⁸⁸ 1 Jo 2, 15-17 / Tg 4,4

⁸⁹ Gl 5, 21-22

⁹⁰ Tg 4, 7 / 1 Pd 5, 8

⁹¹ Jo 15, 6

⁹² Jo 15, 2-5

⁹³ Jo 15, 7

⁹⁴ 1 Jo 3, 6

⁹⁵ 1 Jo 2, 27

A catequese é a ressonância do querigma. Ela é uma extensão daquela vida nova que iniciamos com Jesus Cristo. A catequese não suplanta o querigma, nem o querigma a catequese. Daí, o ensinamento dos apóstolos, ordenado e progressivo era edificado sobre o “cimento” do querigma.

A respeito dessa comparação entre o querigma e a catequese podemos apresentar um exemplo prático e bem elucidativo: Quando que se quer construir uma parede de uma casa são necessárias algumas coisas fundamentais. A primeira delas é que haja um bom alicerce e que a parede seja construída sobre esse alicerce. A segunda, é de que uma parede não se constrói só com cimento e tampouco só com tijolos. Os dois são igualmente necessários e indispensáveis para se ter uma parede sólida e segura. Quanto ao alicerce, “ninguém pode pôr outro diverso daquele que já foi posto: Jesus Cristo. Agora, se alguém edifica sobre este com ouro (...) ou com palha, a obra de cada um aparecerá”.¹⁰² Nosso trabalho então é edificar a parede com os tijolos do ensinamento dos Apóstolos (a catequese) e unindo, cimentando-os com o Amor de Deus e com o Ardor do Espírito Santo, os quais descobrimos no Querigma. Quanto ao alicerce, sabemos que ele fica escondido e não aparece na construção: é nossa vida interior, oração pessoal, entrega e fidelidade a Deus. Jesus construiu o alicerce de seu ministério em 30 anos de vida escondida em Nazaré para apenas 3 anos de vida pública. Ou seja: 10 anos de alicerce para cada ano de Ministério.

O livro dos atos dos Apóstolos termina expressando o plano permanente de ação da Igreja: “Proclamando o Reino de Deus e ensinando o que se refere ao Senhor Jesus Cristo com toda valentia.(Atos 28,31)

A respeito deste ensinamento sistematizado, doutrinário, que é tão necessário aos cristãos de hoje, para que possam responder aos desafios da tecnologia, sociedade e das culturas, o Papa Paulo VI, em 1975 já nos exortava: “A ninguém escapa a necessidade imperiosa de uma séria formação doutrinária: bíblica, teológica, espiritual, no âmbito da Igreja universal e, portanto, também da Renovação do Espírito”¹⁰³. Esta formação é tanto mais premente, quando mais freqüentes são as experiências espirituais. Somente uma tal formação, cuja autenticidade tem que ser garantida pela hierarquia, preservará de desvios sempre possíveis e proporcionará a certeza e a alegria de haver servido fielmente à causa de Evangelho.”¹⁰⁴

ENSINAMENTO DOS APÓSTOLOS

Vamos agora, aprofundar um pouco, o que seria o “Ensinamento dos Apóstolos”, para nós hoje. Como nós podemos entender, ele seria basicamente constituído pôr:

- Ensino das Sagradas Escrituras.
 - A Catequese que reúne a doutrina da Igreja e os Documentos do Magistério da Igreja.
 - Ensino moral – Teologia Moral - Parênese
-
- **As Sagradas Escrituras –**

A Bíblia é o primeiro livro do cristão, não podemos deixá-la de lado. Somos chamados a meditá-la freqüentemente e a colocarmos a em prática, como fazia a Virgem Santíssima: “Traze sempre na boca(as palavras) deste livro da lei; medita-o dia e noite, cuidando de fazer tudo o que nele está escrito; assim prosperarás em teus caminhos e serás bem sucedido.”¹⁰⁵

Na Dei Verbum 24 temos: “As Sagradas Escrituras contém a Palavra de Deus e porque são inspiradas, são realmente Palavra de Deus.”

“Ouvir, ler, meditar, memorizar e estudar a Palavra é fruto de ter recebido o Dom do Espírito. Entendê-la tendo em conta seu conteúdo e sua unidade à luz da Tradição viva da Igreja, deve ser meta de quem busca o crescimento espiritual.”¹⁰⁶

Nos Livros Sagrados – ensina o Concílio Vaticano II – “o Pai, que está no céu, sai amorosamente ao encontro de seus filhos para conversar com eles. É tão grande o poder e a força da Palavra de Deus, que constitui o sustento e vigor da Igreja, firmeza da fé para seus filhos, alimento da alma, fonte límpida e perene de vida espiritual. Aplicam-se pôr isso à Escritura de modo especial aquelas palavras: *A Palavra de Deus é viva e eficaz*¹⁰⁷, *tem poder de edificar e dar a herança a todos os consagrados*¹⁰⁸.”¹⁰⁹

“Esses parágrafos do Concílio encerram em densa síntese o tesouro de vida espiritual que é a Palavra de Deus na Escritura Sagrada. Assim sendo, a leitura assídua e a meditação constante da Palavra

¹⁰² Conf. I Cor 3, 11 e seg.

¹⁰³ outro nome dado à Renovação Carismática Católica

¹⁰⁴ cf. Paulo VI, A Ação do Espírito Santo na Igreja. Ensino ao Povo de Deus, 1975, p 283

¹⁰⁵ Js 1,8

¹⁰⁶ Evangelização, Pe Alfonso Navarro, p 116

¹⁰⁷ Hb 4,12

¹⁰⁸ At 20,32; 1 Ts 2,13

¹⁰⁹ Dei Verbum, 21

de Deus são um meio privilegiado para crescer na vida divina, leitura que deve ser feita, ademais, com o mesmo Espírito com que foi escrita, isto é, à luz e ao calor do Espírito Santo.”¹¹⁰

Ainda sobre a Divina Revelação, abordando o tema da Sagrada Escritura, o concílio Vaticano II nos orienta: “ Recordem que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada pela oração, para que se realize o diálogo de Deus com o homem, pois a Deus falamos quando oramos, a Deus escutamos quando lemos suas palavras”.¹¹¹

• Catequese –

Não podemos ficar somente no Kerigma, temos que avançar no Mistério de Deus; com o Kerigma a experiência de Deus, com a Catequese, o aprofundar da experiência, para nos aproximarmos mais de Deus.

“Graças à catequese, o Kerigma evangélico – primeiro anúncio cheio de ardor que um dia transformou o homem e o levou à decisão de entregar-se a Jesus Cristo pela fé – aprofunda-se pouco a pouco, desenvolvendo-se em seus corolários implícitos, explicando mediante um discurso que vai também dirigido a razão e orientando até a prática do cristianismo na Igreja e no mundo.”

Desta maneira: “a catequese é tão necessária para a madureza da fé dos cristãos como para seu testemunho no mundo.” “a verdades que nela se aprofundam são as mesmas que causaram impressão no coração do homem ao escutá-las pela primeira vez. O fato de conhecê-las melhor, longe de embotá-las ou esgotá-las, deve torná-las ainda mais estimulantes e decisivos para a vida.”¹¹²

“A catequese, diferente do primeiro anúncio que suscita a conversão, tem o duplo objetivo de fazer amadurecer a fé inicial e de educar o verdadeiro discípulo de Cristo pôr um conhecimento mais profundo e sistemático da pessoa e da mensagem de nosso Senhor Jesus Cristo.”¹¹³

“A meta da catequese, no conjunto da evangelização é a de ser a etapa do ensinamento e da maturação, isto é, o tempo em que o cristão, tendo aceito pela fé a pessoa de Jesus Cristo, como o único Senhor, e tendo-lhe dado uma adesão global, pôr uma sincera conversão de coração, esforça-se pôr conhecer melhor a esse Jesus a quem se entregou”.¹¹⁴

A formação da catequese, ou seja, o Ensino catequético deve formar o novo cristão para ser:

- Apto para viver segundo o Evangelho, orientando sua vida pelas bem-aventuranças, pêlos frutos do Espírito, transformando seu comportamento, suas ações e reações, suas atividades e posturas, de acordo com as exigências do Evangelho.
- Apto para viver na Igreja e na comunidade, conhecendo-a profundamente e amando-a, vivendo-a em função da fé.
- Apto para participar da missão da Igreja que é evangelizar, ou seja se tornar um evangelizador.
- Apto para viver no mundo do trabalho, da cultura, da família, das artes dando sempre testemunho da experiência do Evangelho.

O Papa João Paulo II determinou a metodologia da catequese, na Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*:

- “ Deve ser um ensino sistemático, não improvisado, seguindo um programa que lhe permita chegar a um fim preciso;
- um ensino elementar que não pretenda abordar todas as questões disputadas, nem transformar-se em investigação teológica ou em exegese científica;
- um ensino, não obstante bastante completo, que não se detenha no primeiro anúncio do Mistério cristão que temos no Kerigma;
- uma iniciação cristã integral, aberta a todas as esferas da vida cristã.”¹¹⁵

É importante nós entendermos que na Catequese há uma forte união entre Sagrada Escritura, Tradição Apostólica e Magistério da Igreja. O Papa nos ensina que: “ A catequese extrairá sempre seu conteúdo da fonte viva da Palavra de Deus, transmitida através da Tradição e da Escritura, dado que a Tradição e a Escritura constituem o depósito sagrado da Palavra de Deus confiado à Igreja...a Catequese será tanto mais rica e eficaz quanto mais sejam lidos os textos com a inteligência e o coração da Igreja e quanto mais se inspire na reflexão e na vida duas vezes milenária da Igreja...”¹¹⁶ Sabendo que estas são as fontes principais da Catequese, vamos examiná-las rapidamente começando pelo Magistério da Igreja.

¹¹⁰ Dei Verbum, 12

¹¹¹ Dei Verbum, 25

¹¹² Catechesi Tradendae,(CT) 25

¹¹³ CT 19

¹¹⁴ CT 20

¹¹⁵ Catechesi Tradendae, 21

¹¹⁶ Catechesi Tradendae, 27

1. Magistério da Igreja

O Magistério da Igreja radica-se nos Bispos – presididos pelo Papa – como sucessores dos Apóstolos. Seu magistério é “vivo”, sempre atual, como assistência luminosa do Espírito Santo: “ *Eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Paráclito que estará convosco para sempre: o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis porque permanece convosco e está em vós*”¹¹⁷.

“ O Magistério da Igreja não está acima da Tradição Apostólica e da Escritura, mas a seu serviço, porém a “ função de interpretar autenticamente a Palavra de Deus, oral ou escrita, foi entregue unicamente ao Magistério da Igreja, que o exercita no nome de Jesus Cristo.”¹¹⁸

A nossa catequese deve ser embasada nos documentos do Magistério da Igreja, que temos como exemplo: O Concílio Vaticano II, com suas Constituições, seus Decretos e suas Declarações, que darão origem a diversos outros documentos com o passar dos tempos, conservando-se sempre atual; os Documentos pós- conciliares, principalmente as instruções para os sacramentos e documentos em torno da Liturgia; as Exortações Apostólicas, fruto dos Sínodos dos Bispos, pôr exemplo: “ *Evangelii Nuntiandi*”, “ *Catechesi Tradendae*”, “ *Familiares Consortio*”...; o Magistério ordinário do Sumo Pontífice, através das encíclicas, Exortações, Catequeses...; O Magistério dos Episcopados, a nível de Conferências Internacionais(pôr exemplo: Puebla, Medellin...), nacionais (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), regionais ou diocesanos.

2. Catecismo da Igreja Católica

Queremos ressaltar a importância do Catecismo da Igreja Católica como documento do Magistério da Igreja. Ele contém orientações para o exercício da nossa fé: A profissão da Fé; A Celebração do Mistério Cristão; A Vida em Cristo; A Oração Cristã.

O Papa João Paulo II, em outubro de 1992, nos deu o Catecismo da Igreja Católica, dizendo: “É uma exposição da fé da Igreja e da doutrina católica, testemunhada ou iluminadas pelas Sagradas Escrituras, pela Tradição Apostólica e pelo Magistério da Igreja, vejo-o como instrumento válido e legítimo a serviço da comunhão eclesial e como uma norma segura para o ensino da fé ...

Diante disso, temos o Catecismo da Igreja Católica, para aprofundarmos na doutrina e na moral, e amadurecermos na fé. Ele é bem atual pois contém a “Sã doutrina adaptada a vida atual dos cristãos.”¹¹⁹

3. Equilíbrio entre Doutrina e Experiência

. . . O discípulo precisa da ferramenta da formação e da experiência. Se só tem dados teóricos, serão frios como uma estátua. Porém se lhe falta conhecimento, suas experiências podem cair no abismo do subjetivismo. É preciso, pois localizar-se no cruzamento das coordenadas da doutrina e da vivência para atingir um equilíbrio sadio.

Assim como a pintura precisa de uma moldura adequada, o discípulo-mestre precisa de um marco de referência de sã doutrina. O que guia os outros pelas alturas da vida do Espírito, não pode aventurar-se pôr caminhos inéditos nem fazer expedições arriscadas, mas deve continuar pela rota segura dos que nos precederam pelo caminho da fé.

A doutrina só não basta. Seria como uma maravilhosa moldura sem pintura alguma dentro. A teoria deve ser acompanhada da prática.

Portanto, não se deve desprezar nenhum destes dois aspectos. Ao contrário. Tanto mais se acentua qualquer deles, mais ênfase haverá de se dar no outro. Um carismático sem ciência e tão perigoso quanto um teólogo racionalista”¹²⁰

• Parênese – Doutrina Moral –

“ O ensino dos Apóstolos além da Catequese, da Doutrina, continha também uma Educação Moral (Parênese), que orientava os primeiros cristãos como deveriam agir na vida pessoal, familiar e social” .¹²¹

¹¹⁷ Jo 14, 16-17

¹¹⁸ Dei Verbum, 10

¹¹⁹ Enchiridion Vaticanum

¹²⁰ Formação de Discípulos, J. H. Prado Flores

¹²¹ Rm 12-15; Gl 3-6; Ef 3-6; At 27, 9-27

“ Assim se pode perceber, no relato da ceia em Lucas, a introdução de elementos claramente parenéticos, de exortação aos cristãos, para que vivam coerentemente com aquilo que Jesus ensinou doando sua vida, o evangelista quer ensinar humildade, fé, amor, aceitação dos sofrimentos, perseverança, vigilância em face dos contínuos perigos, a possibilidade de traição (também hoje!), o papel de Pedro, a perspectiva escatológica, a paixão e a glória, logo, trata-se de uma Didaqué muito densa, que supera e aprofunda de muito o simples anúncio do querigma.¹²²

Esse ensinamento moral tem um conteúdo que se adapta às condições dos fiéis, e suas necessidades, tem uma variedade maior que o conteúdo mais fixo do querigma. Inclusive o querigma servia de base para o aprofundamento moral (fé e comportamento).

A moral católica tende a levar todos os homens à realização da sua vocação suprema que é a vocação à perfeição, à santidade. Nenhuma criatura é chamada ao meio termo espiritual.

Os traços que caracterizam a moral católica são quatro:

1. Seguir a Jesus Cristo;
2. Viver em Amor a Deus e com os Irmãos;
3. Participar da Páscoa de Cristo (Paixão, Morte e Ressurreição);
4. A Glória a Deus é a Auto Realização do homem.

A formação moral deve ser orientada pelos 4 traços acima. Pois como, a teologia moral considera os costumes humanos, seus relacionamentos e comportamento sob a luz de Deus, assim, também, a formação, o ensinamento dos apóstolos, “tem pôr objetivo dirigir o comportamento do homem para o seu fim supremo, que é Deus, levando-o a sua plena realização”.

1. Seguir a Jesus Cristo;

“Ser cristão é não somente professar a doutrina cristã, mas vem a ser, antes do mais, estar inserido em Cristo. Ser Cristão é, antes do mais, aderir à pessoa do Cristo e, conseqüentemente, a doutrina de Jesus. Com isso ele recebe uma vida nova que “é dinâmica como uma semente de vida eterna e tende a desabrochar-se dentro do cristão, levando-o a um comportamento cada vez mais pautado pela dignidade de filho de Deus.¹²³”

“O cristão deve procurar formar a sua consciência de acordo com a lei de Deus, que lhe é comunicada pôr instâncias objetivas, existente fora dele (a Sagrada Escritura, a Tradição e o Magistério da Igreja).”

“As ações, o sofrimento . . . todo o viver do cristão, estão elevados a um plano superior, o cristão é um outro Cristo; nele se prolonga a vida do Senhor. . .”¹²⁴

2. Viver em Amor a Deus e aos Irmãos;

“O Comportamento moral do cristão não é mais do que a resposta a esse Amor primeiro: “o Amor de Cristo nos completa”¹²⁵, esse amor, será amor e verdade ; São Paulo diz: “Praticai a verdade em amor.”¹²⁶. Isso significa que saberá distinguir a verdade e a mentira, o certo e o errado . . ., odiando sempre o erro e o pecado, mas amando a pessoa que erra ou peca.”¹²⁷

3. Participar da Pessoa de Cristo;

“O cristão é inserido em Cristo pelo Batismo a fim de tomar parte cotidiana na morte e ressurreição de Jesus. O Batismo nos mergulha na morte do Senhor e nos faz sacramentalmente ressuscitar para uma vida nova¹²⁸. A realidade do batismo é alimentada pela Eucaristia.

Pode-se então dizer que a moral está estritamente ligada à liturgia, pois é vivência concreta e voluntária dos sacramentos...”¹²⁹

4. A glória a Deus e a Auto-realização do homem;

“A glória a Deus – fim supremo de toda criatura – e a felicidade ou a auto-realização do homem não se opõem entre si. Com outras palavras a sede de felicidade, nata em todo ser humano, e o cumprimento dos deveres morais se conjugam harmoniosamente. O homem

¹²² Olhando pra frente, CNBB, p 32

¹²³ Jr 31,33s; Ez 36,26s

¹²⁴ Curso Teologia Moral, Pe. Estevão T. Bittencourt, p 4

¹²⁵ 2 Cor 5,14

¹²⁶ Ef 4,15

¹²⁷ Curso Teologia Moral, Pe, Estevão T. Bittencourt, p 4

¹²⁸ Rm 6, 1-7

¹²⁹ Curso Teologia Moral. Pe. Estevão T. Bittencourt, p 5

chamado a santidade e a perfeição é a mesma criatura que Deus, pôr um desejo congênito incoercível, chama a ser feliz. Aliás, a procura da felicidade é, não raro, o ponto de partida de uma conversão para Deus e pode ser o estímulo que sustenta a caminhada.

Com a progressão na vida de santidade o cristão passa a amar seus interesses pessoais a partir do Amor que Cristo tem para com ele . . . assim a vida do cristão deixa de ter dois princípios – o próprio eu e o Senhor Deus – mas, passa existir um só: Deus em cujo plano de sabedoria e amor a criatura se redescobre cumulada de nova dignidade. “Servir a Deus é reinar”
130 „131

¹³⁰ Missal Romano

¹³¹ Curso Teologia Moral, Pe. Estevão T. Bittencourt, p 6

ENSINO 5

PERSEVERAR NA COMUNHÃO

INTRODUÇÃO

Quando falamos em **comunhão**, quase que instintivamente nos lembramos da Eucaristia, pois é comum nos referirmos a esse sacramento com o nome de comunhão. Assim somos levados a pensar que este Ensino vai se referir à santa comunhão que recebemos durante a missa. Este é na verdade o conteúdo do próximo ensino (o número 6) que fala do Perseverar na Fração do Pão.

O termo comunhão, como vamos ver aqui, tem um sentido muito amplo e nos leva a pensar a comunhão (comum união) dos fiéis entre si e de sua comunhão com Deus. Este é o grande anseio de Deus para os homens: que vivamos em comunhão fraterna uns com os outros e com a Santíssima Trindade: “**que sejam um, como nós somos um**”.¹³² Como viver em comunidade hoje quando a sociedade busca o individualismo? Como partilhar, quando o mundo fala em acumular? Estes desafios é que vamos refletir neste ensino.

KOINONIA

No livro dos Atos dos Apóstolos¹³³, Lucas fala em segundo lugar sobre a necessidade de perseverar na comunhão (Koinonia).

“ Nas primeiras comunidades o termo é usado, antes de tudo, para indicar a comunhão dos fiéis com Cristo. Cristo comungou com a natureza humana; os homens foram chamados a tornarem-se participantes (*koinonói*) da natureza divina. Paulo insiste de várias maneiras na comunhão dos fiéis com Cristo: o cristão vive e age “ em Cristo Jesus”; o cristão é co-herdeiro de Cristo, configurado com Cristo, tornado semelhante a Ele; sofre e é glorificado, vive e morre com Cristo; vive n’Ele e com Ele é crucificado; e conformado à sua morte; com Cristo ressuscita; opera com Cristo; reina com Cristo. O cristão entra em comunhão com Cristo pelo cálice e o pão da Eucaristia. Os cristãos formam um único corpo com Cristo.”¹³⁴

A fonte da comunhão está na Santíssima Trindade, pois **Deus é comunhão**: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

DEUS É E FAZ COMUNHÃO

Deus se nos revelou como comunhão: Deus Pai, que envia a este mundo o Filho e o Espírito Santo. Contemplando a Santíssima Trindade e a comunhão por Ela gerada, a Igreja, temos: “povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”¹³⁵

1. Deus Pai: Igreja Povo de Deus

“O Pai é a origem de tudo, a Fonte do ser, o Criador de todas as coisas. Dele vem o próprio Filho, desde sempre “ Deus de Deus, luz da luz”. Pelo Filho e no Espírito Santo, ele é o criador de todas as coisas e dos homens. A humanidade, representada pelo povo de Israel, experiência Deus a partir da história deste povo, que se sentiu escolhido e chamado a formar o povo de Deus.

Israel descobriu, aos poucos, que Deus é o único Deus e que toda a humanidade marcha em direção a ele. Ele congrega os justos, desde Abel até o último dos seres humanos a ser chamado. Pois Deus quer a salvação de todos¹³⁶, então deixa de se manifestar pôr meio de suas obras¹³⁷.”

“ A contemplação das atitudes do Pai na história da humanidade nos revela uma pedagogia divina¹³⁸, que procura conduzir todos ao conhecimento e à comunhão com o Pai. Essa pedagogia, testemunhada pelas palavras do Antigo e Novo Testamento, inspira a ação da Igreja, que deve fazer ressoar o chamado de Deus até os confins da terra.”¹³⁹

“ Demos graças a Deus Pai, pôr seu Filho, no Espírito Santo; pois, na imensa misericórdia com que nos amou compadeceu-se de nós. E quando estávamos mortos pôr causa das nossas faltas, ele nos deu a vida com Cristo”¹⁴⁰ para que fossemos Nele uma nova criação, nova obra de suas mãos.¹⁴¹

¹³² Conf. Jo 17, 22

¹³³ At 2, 42

¹³⁴ Olhando pra frente, CNBB, p 33

¹³⁵ São Cipriano in Lumen Gentium, 4

¹³⁶ 1 Tm 2, 4

¹³⁷ At 17, 25-28

¹³⁸ cf. Dei Verbum, 15; Ad Gentes, 3

¹³⁹ Texto do 13º Congresso Eucarístico Nacional, 1996, pg 26-27

¹⁴⁰ cf. Ef 2,5

¹⁴¹ São Leão Magno, Sermo in Nativitate Domini, 1-3

2. Deus Filho: Igreja Corpo de Cristo

“ A partir da sua Encarnação, Cristo se torna a referência visível, na história humana, da presença de Deus. As suas palavras, conservadas e transmitidas pela Igreja, tornam-se a nova “lei” para o povo de Deus. Seus gestos salvíficos, celebrados pela comunidade cristã, continuam nos sacramentos. Toda a sua existência, que culmina na morte e ressurreição, torna-se a fonte e o modelo da existência cristã”¹⁴².

Cristo não se limitou a assumir a condição humana, o corpo humano. Cristo quis incorporar, os que nele crêem, em seu próprio Corpo, do qual ele é a cabeça. O Apóstolo Paulo descreveu essa incorporação realizada no batismo¹⁴³ e fortalecida pela Eucaristia¹⁴⁴.

A imagem de Cristo como cabeça, e da Igreja como seu corpo, vem explicitada na carta aos Efésios. Ele organiza e dá coesão ao corpo inteiro, através de uma rede de articulações, que são os membros, cada um com sua atividade própria, para que o corpo cresça e construa a si próprio no amor”¹⁴⁵. A incorporação em Cristo dá aos batizados a condição de irmãos de Cristo e filhos de Deus.

O Senhor transforma em seu corpo aqueles que se alimentam de seu Corpo e Sangue. O alimento eucarístico, fazendo-nos consangüíneos de Cristo, faz-nos irmãos entre nós. Assim, a Eucaristia, comunhão com o ressuscitado, constitui a Igreja (edifica a Igreja) como comunidade de fé, esperança e amor.”¹⁴⁶

3. Deus Espírito Santo: Igreja templo de pedras vivas

“ Completada a obra que o Pai tinha confiado ao Filho realizar na terra, foi enviado o Espírito Santo, no dia de Pentecostes, a fim de santificar constantemente a Igreja, para que assim os que crêem pudessem se aproximar do Pai pôr Cristo no Espírito Santo”¹⁴⁷.

O Espírito Santo habita na Igreja e no coração dos fiéis como num templo¹⁴⁸. Ele unifica a Igreja na comunhão e no ministério¹⁴⁹, enriquecendo-a com uma variedade de dons e carismas¹⁵⁰. Dentre esses dons e carismas lembramos as Ordens e Congregações, as Associações e Movimentos Eclesiais. Esses dons são sempre para a edificação da comunidade. A palavra “edificação” tem a mesma raiz de “edifício”. Nos contextos em que se fala do Espírito, fala-se também do edifício espiritual, ou “templo”, que o próprio Espírito constrói para a glorificação de Deus. Em lugar de um templo de pedras, os cristãos adoram a Deus “em espírito e verdade”¹⁵¹. Agora, “você também, como pedras vivas, vão entrando na construção do templo espiritual e formando um sacerdócio santo, destinado a oferecer sacrifícios espirituais que Deus aceita pôr meio de Jesus”¹⁵².

“A missão de Cristo e do Espírito Santo realiza-se na Igreja, Corpo de Cristo e templo do Espírito Santo. Essa missão conjunta associa a partir de agora os fiéis de Cristo à sua comunhão com o Pai no Espírito Santo: o Espírito Santo prepara os homens e antecipa-se a eles pela sua graça, para atraí-los a Cristo. Manifesta-lhes o Senhor ressuscitado, lembra-lhes a sua palavra, abrindo-lhes o espírito à compreensão da sua morte e ressurreição. Torna-lhes presente o mistério de Cristo, eminentemente na Eucaristia, a fim de fazê-los produzir “muito fruto”^{153 154}”

“ O Espírito aponta para uma nova Jerusalém, para uma “ cidade de Deus”, construída sobre o alicerce dos Apóstolos, que têm no seu centro não um templo, mas o próprio Deus e o Cordeiro. E a cidade é inteiramente luminosa, porque Deus é a sua luz, e o Cordeiro, a sua lâmpada¹⁵⁵. Aí se realiza plenamente a profecia: “ Ele habitará com eles; eles serão o seu povo e Ele, Deus-com-eles, será o seu Deus”^{156 157}.

4. Comunhão Trinitária: Comunhão Eclesial

“ Para que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti. E para que também eles estejam em nós, a fim de que o mundo acredite que tu me enviaste”¹⁵⁸.

¹⁴² cf. Dei Verbum 4.7.20; Sacrosanctum Concilium 5-7

¹⁴³ cf. Gl 3,28; 1 Cor 12,12-13; Cl 3,11

¹⁴⁴ cf. 1 Cor 10,16

¹⁴⁵ Ef 4,15-16

¹⁴⁶ Texto-Base 13º Congresso Eucarístico Nacional, 1996, pp 28-29

¹⁴⁷ cf. Lumen Gentium, 4; Ef 2,18

¹⁴⁸ cf. 1 Cor 3,16; 6,19

¹⁴⁹ Lumen Gentium, 4

¹⁵⁰ Documento de Puebla, 638

¹⁵¹ cf. Jo 4,23

¹⁵² 1 Pd 2, 5

¹⁵³ Jo 15, 5.8.16

¹⁵⁴ Catecismo da Igreja Católica, 737

¹⁵⁵ cf. Ap 21,1-13

¹⁵⁶ Ap 21,3; Is 7,14

¹⁵⁷ Texto-Base 13º Congresso Eucarístico Nacional, 1996, pp 29-31

¹⁵⁸ Jo 17,21

A comunhão é a realidade primeira e fundamental da Igreja, que brota da própria vida do Deus Trindade e que leva à vivência do mandamento do amor. Essa comunhão implica uma igualdade fundamental entre todos, baseada na própria dignidade Batismal¹⁵⁹.

A comunhão entre os membros da Igreja tem, como fonte, a comunhão da Santíssima Trindade. A Igreja é o povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Assim, também, a comunhão da Igreja é o fruto da unidade da Santíssima Trindade.” O Dom da comunhão, que o Senhor está sempre concedendo à Igreja como graça¹⁶⁰, é uma interpelação a todos os seus membros”¹⁶¹.

Essa comunhão tem sua origem no chamamento divino que se realiza pôr meio da Palavra na comunhão sacramental com Cristo, mediante a participação orgânica em tudo o que constitui a realidade divino-humana da Igreja, o Corpo de Cristo, o qual se estende pêlos séculos e é enviado ao mundo para abraçar todas as pessoas sem distinção¹⁶². “A vivência da comunhão, a que foi chamado o cristão, encontra na Comunidade Eclesial de base uma de suas realizações”¹⁶³. Assim, a Comunidade eclesial pode contribuir para que o povo saia da dispersão e da marginalização civil e social a que é reduzido. As comunidades são, na base da sociedade, fermento de união e de solidariedade, de conscientização e de participação.”¹⁶⁴

Portanto, viver em comunidade, significa partilhar com os dons e os talentos, que foram confiados pôr Deus, para edificação do outro, retirando-o da marginalização, colocando-o dentro da comunidade de amor e de esperança.

Pôr isso, os Bispos do Brasil exortam:” todo batizado participa da comunhão Eclesial e deve contribuir para a sua edificação, acolhendo a graça de Cristo e os dons do Espírito Santo. Os dons do Espírito, os carismas, nunca faltaram aos fiéis. O Concílio Vaticano II quis valorizá-los, principalmente aqueles que se colocam em benefício da comunidade... Após o Concílio assistimos a um florescimento de novos ministérios, recebidos e incentivados pela hierarquia da Igreja. No mesmo Espírito, foram incentivadas as diversas vocações - laicais e religiosas – que enriquecem a vida da Igreja e seu testemunho evangélico. Foi reconhecida e valorizada a iniciativa dos fiéis e sua organização em associações e movimentos.”¹⁶⁵

COMUNHÃO DOS FIÉIS COM CRISTO

“ A comunhão dos cristãos com Cristo gera a comunhão entre eles, a comunhão fraterna, a união dos membros do corpo de Cristo. Essa comunhão não se torna verdadeira se não é fundada sobre a comunhão dos Apóstolos. É uma preocupação do próprio Paulo, que teme “correr ou ter corrido em vão”, se não mantiver essa comunhão. Mais profundamente, a união dos cristãos tem pôr fundamento “ um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos”. Também João não separa a ‘ comunhão conosco “ da “comunhão com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo”.”¹⁶⁶

“ A comunhão com Cristo e a comunhão fraterna levam também à comunhão de bens materiais? Talvez a pergunta esteja mal formulada, porque a Bíblia não separa espiritual e material. Considera o homem pôr inteiro, integralmente. De qualquer forma, os Atos gostam de frisar que entre os primeiros cristãos não havia nenhum necessitado, e que todos eram “um só coração e uma só alma”. Dois exemplos ilustram esses sentimentos: o de Barnabé, que vende um campo e entrega todo o seu valor aos Apóstolos. Outro, ao contrário, mostra que Ananias e Safira vendem uma propriedade, mas entregam apenas uma parte, escondendo o resto. Serão punidos severamente, sobretudo pela quebra da confiança da comunidade.

A comunhão dos fiéis com Cristo e com os irmãos não conhece fronteiras, não para diante dos bens materiais. ‘ Se alguém possui riquezas nesse mundo e vê seu irmão passar necessidade, mas diante dele fecha o seu coração, como pode o amor de Deus permanecer nele?’. Também o autor da carta aos Hebreus recomenda não esquecer “ a prática do bem e da partilha (koinonia), pois estes são os sacrifícios que agradam a Deus. Paulo também compara os donativos dos filipenses aos sacrifícios agradáveis a Deus. E quando o mesmo Paulo organiza uma coleta em favor dos cristãos (“ os pobres”) de Jerusalém, ele a chamará “comunhão” (koinonia). Não há dúvida de que o livro dos Atos, quando fala de “comunhão”, põe o acento sobre a comunhão de bens. Ela porém não é imposta, nem pelos apóstolos nem pela sucessiva tradição cristã. Contudo, ela permanece a expressão natural da realidade da fé e a medida do amor a Deus e da união a Cristo, aos irmãos, “a humanidade. E ela pode, hoje, dar novo vigor à nossa prática da solidariedade, da partilha, do dízimo...”¹⁶⁷

A sociedade moderna que tem sua história fortemente ligada ao capitalismo e a seus princípios que falam de acumular riquezas se depara assim com um dilema: o mundo fala em acumular e o evangelho fala em partilhar com

¹⁵⁹ Opções e Diretrizes Pastorais da Igreja de Vitória, 88-89

¹⁶⁰ Jo 17,21

¹⁶¹ Opções e Diretrizes da Igreja de Vitória, 92

¹⁶² cf. CNBB 40, 64

¹⁶³ cf. Medellín, 11

¹⁶⁴ Texto-Base do 13º Congresso Eucarístico Nacional, 1996, pp 31-33

¹⁶⁵ cf. CNBB 40, 61

¹⁶⁶ Olhando pra frente, CNBB, p 33

¹⁶⁷ Olhando pra frente, CNBB, p 33

generosidade. Esses elementos da comunhão é que estruturam a comunidade cristã. É nesse contexto que devemos entender a questão do dízimo.

DÍZIMO E COMUNHÃO

“Como nós, cristãos, temos nossas raízes no povo judeu, herdamos deles certas formas de homenagear o nosso Deus, que acreditamos ser o Pai de todos os homens. O dízimo é uma das mais antigas formas de retribuição do homem a Deus, mesmo dentro das Igrejas cristãs.”¹⁶⁸

Não podemos deixar de reconhecer que, com o passar do tempo, tais formas de retribuição foram deturpadas. O dízimo, que inicialmente era uma necessidade de o homem manter sua solidariedade com seus irmãos através da Igreja, passou a ser uma obrigação imposta pela Igreja dos tempos antigos, perdendo o verdadeiro sentido, que tinha no princípio...

Como sabemos, a Igreja é formada pôr pessoas que devem unir-se em comunidade: “*A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava seu o que possuía, mas tudo era comum entre eles*”¹⁶⁹.

Em outras palavras, cada membro da Igreja é e deve sentir-se responsável pêlos outros que formam a Igreja. Deus é Pai de todos e quer a plena realização de todos. Ora, ninguém pode chegar a essa realização sozinho. Pôr isso, o sentido do dízimo é hoje riquíssimo, pois é um dos meios pêlos quais cada cristão demonstra sua responsabilidade para manter a Igreja a que pertence, seja a Igreja-templo como também a Igreja-povo de Deus.

Se o dízimo fosse apenas uma campanha financeira, não teria sentido e nem deveria existir. É importante saber que, pôr intermédio do dízimo, o cristão reconhece que deve retribuir a Deus uma parte dos bens que lhe são dados pelo mesmo Deus.

O dízimo não é pagamento de sacramentos e nem esmola dada à Igreja, ao padre ou a Deus. Antes de tudo, o dízimo é a manifestação da co-responsabilidade de cada um para a comunidade cristã da qual faz parte. Quando alguém paga o dízimo deve fazê-lo não como obrigação imposta, mas sim como reconhecimento de que tudo o que possui vem de Deus. Quando conseguimos algo, é porque Deus quer e permite. Todas as coisas pertencem a Deus, mesmo que estejam em poder de determinada pessoa. Esta atitude deve levar cada um de nós à conscientização de que fazemos parte de uma comunidade pela qual cada um de nós é responsável.

Pagar o dízimo não quer dizer isentar-se de outras responsabilidades para com a comunidade. Pelo contrário, o pagamento do dízimo deve ser o início do cumprimento da responsabilidade de cada um para com a Igreja, principalmente para com a comunidade onde vive.”¹⁷⁰

A COMUNHÃO FRATERNA

Para termos uma autêntica vida em comunidade, é necessário, nos comprometermos e nos responsabilizarmos uns pêlos outros. Na vida comunitária o meu interesse, a minha preocupação é direcionada não só para mim mas também para os meus irmãos, principalmente para saber como estão caminhando, se estão passando bem, suas alegrias, suas tristezas...

Tudo isso gera envolvimento, ele, o outro, passa realmente a fazer parte da minha família. Esse interesse, essa preocupação, essa nova visão, não mais egoísta e sim fraterna, gera a partilha, pois falo mas também escuto. Há um a troca de riquezas. Ninguém é tão pobre que não tem nada para dar. Eu dou e também recebo, e cresço com isso.

É fundamental para o estreitar laços na comunidade, a partilha do tempo. Algo muito precioso para nós, que precisamos saber partilhar. As vezes dizemos que amamos sem conhecer. Isso é muito difícil. Precisamos compartilhar da vida do outro para que cresça em nós a responsabilidade e o amor pôr ele.

Avaliando nossas atitudes, nossos comportamentos diante das pessoas, diante daqueles que nos solicitam, daqueles que querem conversar conosco, daqueles que nos param quando estamos com pressa, atarefados, ou cheios de problemas...;avaliando nossas reações diante destas situações, poderemos sentir como estamos vivendo em comunhão, verdadeiramente.

Comunhão envolve perder, digo, ganhar tempo com o meu irmão, eu ganho, ele ganha. Partilho das minhas riquezas e misérias. A partilha sempre enriquece quando é vivida no amor.

As vezes somos chamados a “perder Deus pôr Deus”, para vivermos na comunhão. Ou seja, deixarmos de fazer alguma coisa, que gostamos, em que a presença de Deus é real, para fazermos algo que precisamos e que também contem a presença de Deus; pôr isso estaríamos perdendo Deus pôr Deus, para manter a comunhão.

Esse é o grande desafio dos nossos tempos, onde a pressa, a praticidade, o profissionalismo e a superficialidade nos impedem de termos tempo para os nossos irmãos. Digo, diante de situações simples como: telefonemas, visitas domiciliares, cartas, cumprimentos mais efusivos, saudações., celebrações de aniversários ou outros momentos festivos...

E pior, o ativismo, a correria, nos estimula, a não darmos mais atenção ao próximo, a não vê-lo como filho de Deus. Por isso, devemos ficar atentos, à qualidade de vida comunitária que estamos tendo e

¹⁶⁸ cf. Gn 14,17-24

¹⁶⁹ At 4, 32

¹⁷⁰ Pastoral do Dízimo um compromisso comunitário, Ir. Roger Pilote, pp 11-13

proporcionando para os nossos irmãos; a comunhão fraterna é o termômetro da intensidade do compromisso e da manifestação da caridade entre os membros do Corpo de Cristo.

ENSINO 6

PERSEVERAR NO PARTIR DO PÃO

INTRODUÇÃO

A *Lumen Gentium* afirma: A Eucaristia é “ fonte e ápice” de toda a vida cristã. ¹⁷¹“ Os demais sacramentos, assim como todos os ministérios eclesiais e tarefas apostólicas, se ligam à Sagrada Eucaristia, e a ela se ordenam, pois a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa”. ¹⁷²

Ao lermos atentamente a passagem de Lc 24,13 – 35, iremos verificar que, de forma sugestiva, o episódio de Emaús dá o ritmo da Celebração Eucarística em três momentos:

- “o caminho, durante o qual se ouvem as Escrituras e a reflexão daquele que nos fala em nome de Cristo (“a Liturgia da Palavra”)
- o sentar a mesa, em Emaús quando os olhos se abrem a fé, ao partir o pão, o Cristo ressuscitado se revela presente no meio de nós (Liturgia Eucarística ,momento de oferecimento e louvor);
- o envio em missão, pôr Jesus que volta ao Pai para que continuemos sua obra, anunciando sua vitória sobre a morte e convidando a outros irmãos a viver a fé na alegria e na liberdade com os irmãos sofredores, animados pelo Espírito Santo”¹⁷³

Da Eucaristia nasce, assim a comunidade dos discípulos, que continua se alimentando na Celebração Eucarística”

O POVO DE DEUS É MARCADO POR SEU AMOR

A Eucaristia é expressão do infinito amor do Pai que, no mistério da entrega de Cristo, venceu a morte. O amor que transforma os discípulos em testemunhas da ressurreição ¹⁷⁴ e promotores da vida. Pôr isso o povo de Deus recebe essa marca desde toda eternidade, a marca do amor de Deus:

- “O amor de Deus já transparece na criação e se manifesta ainda mais profundo escolhendo, a partir de Abraão, um povo que será luz das nações¹⁷⁵. Este povo é libertado da escravidão do Egito, é conduzido pôr ele à terra prometida com braço forte, alimentando-o com o maná e fazendo com ele uma aliança.
- A experiência do amor libertador de Deus era transmitida de Pai para filho¹⁷⁶ e celebrada anualmente na festa da Páscoa, onde de imolava uma cordeiro sem mancha, comido com ervas amargas.
- O amor de Deus, revelado de tantas formas a Israel no Antigo Testamento, manifesta-se de forma plena na pessoa e nas obras de Jesus, curando os doentes, devolvendo a vida aos mortos, anunciando a Boa Nova aos pobres ¹⁷⁷, ele testemunha que o Reino chegou. Ele era o prometido do Pai.”¹⁷⁸

A INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

“A instituição da Eucaristia foi querida pelo próprio Jesus e confiada à Igreja. É pois, em obediência à vontade de Cristo que celebramos a Eucaristia”¹⁷⁹.

“Jesus tendo amado os seus, amou-os até o fim”, dando a vida pôr eles, pois não há maior amor que dar a vida pêlos amigos ¹⁸⁰. Mas, antes de dar a vida, Jesus na “última ceia” – explica o sentido do seu gesto: “Tendo amado os seus, o Senhor amou-os até o fim. Sabendo que chegava a hora de partir deste mundo para voltar ao Pai, no decurso de uma refeição lavou-lhes os pés e deu-lhes o mandamento do amor. Para deixar-lhes uma garantia desse amor, para nunca afastar-se dos seus e fazê-los participantes de sua páscoa, instituiu a Eucaristia como memorial da sua morte e ressurreição” ¹⁸¹.

Essa última ceia traz algo novo: além de exprimir a fraternidade, constitui-se numa ceia de despedida e de memorial da entrega de Jesus na cruz. Do seu corpo entregue e do seu sangue derramado, brotou a nova aliança no

¹⁷¹ Lumen Gentium, 11

¹⁷² Presbiterorum Ordinis, 5

¹⁷³ Texto-Base 13º Congresso Eucarístico Nacional p 16

¹⁷⁴ At 1,8

¹⁷⁵ Gn 12,1-2

¹⁷⁶ Ex 12, 26-27

¹⁷⁷ Lc 4, 18-21

¹⁷⁸ Texto-Base 13º Congresso Eucarístico Nacional, pp 18.20

¹⁷⁹ 47º Congresso Eucarístico Internacional, 4

¹⁸⁰ Jo 15,13

¹⁸¹ Catecismo Igreja Católica, 1337

sangue; memorial que não é apenas um recordar mentalmente, mas tornar o passado presente (o sacrifício de Jesus na cruz), como desafio para o futuro. O conteúdo do memorial é o conhecimento a pessoa de Jesus Cristo, visto a partir do mistério pascal.

Assim Jesus escolheu o tempo da Páscoa para realizar o que tinha anunciado; dar aos discípulos seu corpo e seu sangue: veio o dia dos ázimos, quando devia ser imolada a páscoa. Jesus enviou então Pedro e João dizendo: “Ide preparar-nos a Páscoa para comermos...” Eles foram... e prepararam a Páscoa. Quando chegou a hora, Ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: “*Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco antes de sofrer; pois eu vos digo, que não a comerei até que ela se cumpra no Reino de Deus...*” E tomou o pão, deu graças, partiu-o e distribuiu-o a eles dizendo: “*Isto é o meu corpo que é dado pôr vós. Fazei isto em minha memória*”. E, depois de comer, fez o mesmo com o cálice dizendo: “*Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós*”¹⁸² ¹⁸³

A grande novidade anunciada pôr Cristo é essa: “Tomai, isto é o meu corpo... Tomai isto é o meu sangue - sangue da aliança que é derramado em favor de muitos. Jesus mostra com esse gesto que ele é o Messias esperado e, que oferecendo seu corpo, que na verdade é sua vida em sacrifício, realiza a missão do servo de Javé”¹⁸⁴

Ao tomar o cálice, lembrou que o sangue da aliança significava a paz e a união entre Deus e o seu povo.

A Eucaristia é o memorial da Páscoa de Cristo: isto é, da obra de salvação realizada pela vida, morte, e ressurreição de Cristo, obra esta tornada presente pela ação litúrgica.

EUCARISTIA - JESUS É REAL

“Eu sou o pão vivo descido do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. E o pão, que eu hei de dar, é a minha carne para a salvação do mundo.”

“Na Eucaristia está, pois, Jesus vivo. Está presente com as mesmas mãos que a tantos abençoaram; com os mesmos pés que, incansáveis, procuravam as almas; com a mesma cabeça para nós inclinada; com a mesma face que foi esbofeteada e cuspidada. Com os mesmos olhos, que pôr nós choraram, com a mesma língua, que ensinou a verdade, com o mesmo coração que nos amou e ama infinitamente; com o mesmo sangue que derramou para nos remir, com o mesmo corpo pôr nós sacrificado. Lá também está sua alma santíssima. Numa palavra na Eucaristia está Jesus glorioso – Jesus, Deus e homem, imortal, impassível, luminoso, imponderável, glorificado”.

A bem-aventurada Crescência Hoess repetia: “Se Jesus Cristo aparecesse visível numa hóstia, nem sequer olharia para Ele, ainda que pudesse facilmente fazer: porque tenho pela fé uma certeza infinitamente maior da presença do Senhor do que, todos os sentidos corporais me podem dar.”¹⁸⁵

EUCARISTIA É CARNE DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

“A Doutrina definida pelo Concílio Tridentino e as mesmas palavras que Jesus usou para instituir a Sagrada Eucaristia, vão mais longe: obrigam-nos a professar que “a Eucaristia é a carne de Nosso Salvador Jesus Cristo, o qual sofreu pêlos nossos pecados e foi ressuscitado pelo Pai na sua benignidade”. As palavras do mártir Santo Inácio, apraz-nos acrescentar as de Teodoro de Mopsuestia, neste particular testemunha fiel da crença da Igreja: “O Senhor não disse: Isto é *símbolo* do meu corpo e isto é *símbolo* do meu sangue, mas Isto é o meu corpo e Isto é o meu sangue, ensinando-nos a não considerar a natureza visível que os sentidos atingem, mas a (crer) que ela, pela ação da graça se mudou em carne e sangue”.

O Concílio Tridentino, baseando-se nesta fé da Igreja “afirma clara e simplesmente que, no augusto sacramento da Santa Eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, está presente verdadeira, real e substancialmente, sob a aparência destas realidades sensíveis.” Portanto, o Nosso Salvador está presente, com a Sua humanidade, não só à direita do Pai, segundo o modo de existir natural, mas também, no Sacramento da Eucaristia, “segundo um modo de existir, que nós, com palavras, mal conseguimos exprimir, mas, com a inteligência iluminada pela fé, podemos reconhecer como possível a Deus, e que devemos aceitar firmíssimamente como real.”¹⁸⁶

“Jesus se faz presente na Eucaristia pelo poder de Sua Palavra e do Espírito Santo. É pela conversão do pão e do vinho no corpo e sangue de Cristo, que Este se torna presente em tal sacramento. Os Padres da Igreja afirmam com firmeza, a fé da Igreja na eficácia da Palavra de Cristo e da ação do Espírito Santo, para operar esta conversão.”¹⁸⁷

EFEITOS DA EUCARISTIA

¹⁸² cf. Lc 22,7-20

¹⁸³ cf. Catecismo Igreja Católica, 1338

¹⁸⁴ Is 53, 10-13

¹⁸⁵ Eucaristia, pp 24-25

¹⁸⁶ cf. Mysterium Fidei, Paulo VI, 46-47

¹⁸⁷ cf. Catecismo Igreja Católica, 1375

A Riqueza e poder da Eucaristia produz efeitos reais:

- Nutrir, fazer crescer, dar forças, mas, principalmente “ a Eucaristia faz com que nos transformemos naquele que nós recebemos,”¹⁸⁸ este último é o efeito máximo, assimilação mística, real.
- Santa Terezinha, na ação de graças disse: “ Hoje Tereza desapareceu, só sobrou Jesus”
- São Tomás de Aquino: “ O efeito característico da Eucaristia é a transformação do homem em Deus” – é a sua divinização.
- Produz unidade entre os homens: somos irmãos, bebemos do mesmo cálice e comemos do mesmo pão repartido; suprime a distância, forma a assembléia, pôr isso a liturgia está cheia de gestos; produz a transformação da sociedade.
- São Justino afirma que nos primórdios da Igreja, após a celebração Eucarística, os que ali estavam colocavam seus bens em comum e partilhavam de acordo com a necessidade de cada um. Após a distribuição com os que participavam da Eucaristia, levavam para partilhar com os mais pobres.¹⁸⁹
- É vínculo de caridade – entre os que dele participam e lhes dá a capacidade para marcarem com este mesmo amor a todas as pessoas.¹⁹⁰
- “ A Eucaristia compromete com os pobres. Para receber na verdade, o Corpo e Sangue de Cristo, entregues pôr nós, devemos reconhecer o Cristo nos mais pobres, nossos irmãos.”¹⁹¹
- “O Pão da vida vivifica quem o recebe com fé. Assim o ensina Jesus aos seus ouvintes de Cafarnaum e de qualquer outro lugar: ‘ Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna, e que o Filho do Homem vos dará, pois a Este, é que o Pai, o próprio Deus, marcou como seu selo’. Disseram-lhe então: ‘ Que devemos fazer para realizar as obras de Deus?’ ‘ Respondeu-lhes Jesus: ‘ A obra de Deus é esta: Que acrediteis naquele que Ele enviou’”¹⁹²,¹⁹³

DEUS COMUNICA SUA VIDA

“ Como Cristo está vivo junto do Pai, intercedendo pôr nós “¹⁹⁴, ao fazer-se presente na eucaristia, ele se torna presente na história, e sua permanente atitude de obediência e entrega ao Pai é seu sacrifício. A Eucaristia não repete o sacrifício de Cristo, torna-o presente, ativo, atuante, de modo que santifique a comunidade eclesial e desperte nela “ *os mesmos sentimentos de Cristo Jesus* “¹⁹⁵; a doação de si ao Pai e aos irmãos. O cristão se torna um sacrifício vivo pôr uma vida santa. É assim que o Novo Testamento se refere ao sacrifício do cristão: proclamar as maravilhas de Deus¹⁹⁶, não conformar-se com o mundo, mas buscar tudo o que é bom, agradável a Deus, perfeito¹⁹⁷, buscar a beneficência e a comunhão da comunidade¹⁹⁸.

O sangue de Cristo revela ao homem que a sua grandeza e, a sua vocação consiste no dom sincero de si ...Quem, no sacramento da Eucaristia, bebe este sangue e permanece em Jesus¹⁹⁹, vê-se associado ao mesmo dinamismo de amor e doação de vida dele, para levar à plenitude a primordial vocação ao amor que é própria de cada homem²⁰⁰. É enfim, do sangue de Cristo que todos os homens recebem *a força para se empenharem a favor da vida*²⁰¹.

A liturgia é, para nós, escola de oração e de vida. Quem nos fala nela é o próprio Deus, a Trindade Santa. Mais do que falar, Ele nos comunica sua vida, molda as atitudes da comunidade cristã, ensina o que devemos fazer, não apenas na oração e na Igreja, mas também em todos os espaços e momentos de nossa vida.

Na procura de entender o essencial, destacaremos três momentos ou aspectos da celebração Eucarística:

1. A Eucaristia como **ação de graças**, a partir da memória do que Deus fez pôr nós e pôr todos;
2. A Eucaristia como **sacrifício e comunhão**
3. A Eucaristia como **santificação e missão**

1.) Eucaristia como ação de graças:

O próprio nome “ Eucaristia” significa alegre ação de graças, louvor.

¹⁸⁸ cf. Lumen Gentium, 26

¹⁸⁹ At 2,46

¹⁹⁰ cf. Lumen Gentium. 47

¹⁹¹ cf. Catecismo Igreja Católica, 1397

¹⁹² Jo 6,27-29

¹⁹³ 47º Congresso Eucarístico Internacional

¹⁹⁴ Hb 7,25

¹⁹⁵ Fl 2,5

¹⁹⁶ cf. 1 Pd 2,9

¹⁹⁷ cf. Rm 12, 1-2

¹⁹⁸ cf. Hb 13,16

¹⁹⁹ cf. Jo 6,56

²⁰⁰ cf. Gn 1,27; 2,18-24

²⁰¹ Evangelium Vitae, 25

Pôr que nos reunimos para agradecer? Antes de tudo, porque esse é um gesto profundamente humano e que nos humaniza, nos torna mais pessoas, e pessoas mais maduras. Desde tempos muito antigos, a humanidade aprendeu a reconhecer que tudo lhe foi dado pôr Deus, tudo é Dom ou “graça”.(...)

Surge a necessidade de louvar, bendizer, agradecer àquele que está na origem da história e do mundo, àquele que é o Pai de todos os dons²⁰². Não que Ele precise de nosso agradecimento ou de nosso louvor; nós é que, no louvor e no agradecimento a Deus, realizamos mais plenamente a nossa humanidade: “ Ainda que nossos louvores não vos sejam necessários. Vós nos concedeis o Dom de vos louvar. Eles nada acrescentam ao que sois, mas nos aproximam de vós, pôr Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso”²⁰³(...)

A Eucaristia é ação de graças pela criação, pela ação de Deus na história e pelo próprio Dom de Jesus Cristo:

- Pelo Dom da criação, o pão e o vinho recordam simbolicamente nossa história de luta pela subsistência, alegria, vida compartilhada, fraterna e festiva, em que os frutos do trabalho são repartidos: “ Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão e pelo vinho”.
- Pela ação de Deus na história da salvação, que culmina com a vinda de Jesus, que é a mais plena e insuperável expressão da vontade de Deus de ser um” Deus-conosco”, um Deus próximo e amigo.
- Pelo Dom do próprio Jesus Cristo, que livremente se entrega pôr nós e pôr amor ao Pai. Não se trata de um poder mágico do seu sangue, ou de “ castigo” que teria caído sobre o Inocente. Trata-se de um ato profundamente humano de doação, pelo qual se expressa o amor de Deus pôr nós, ato que nos convida a fazer também da nossa vida uma doação.

Agradecer exige recordar o passado, discernir nele os dons recebidos, reconhecer o amor de Deus nele manifestado. Não se pode agradecer sem sair da nossa angústia, e reencontrar a esperança. Não se pode agradecer, sem sair da atitude egoísta de quem pensa somente em si mesmo, para abrir o coração e partilhar com os outros, pois viver a eucaristia como ação de graças é viver a solidariedade com o pobre. O Pão partilhado (Eucaristia), que é expressão de ação de graças, do reconhecimento de Deus, só pode ser uma refeição fraterna e festiva, onde o pão partilhado da igualdade é regado pelo vinho da alegria de sermos e vivermos como irmãos.

2.) Eucaristia como sacrifício e comunhão

A ação de graças e de louvor, em que Jesus instituiu a Eucaristia, deu-se no contexto de uma refeição pascal. A primeira Eucaristia foi a “ Ceia do Senhor”. Várias circunstâncias levaram os cristãos, já no século I, a separar a refeição da celebração eucarística ²⁰⁴. Não devemos esquecer que a Eucaristia não é simplesmente pão e vinho consagrados, ou um conjunto de leituras e orações, mas antes de tudo, uma ação de graças que se realiza numa refeição, memorial da Páscoa do Senhor.

Sendo a Eucaristia uma Ceia, é bom buscar compreendê-la a partir do sentido humano da refeição. Tomar alimento é participar da vida, retomar energias para viver. Isso fazemos juntos: com a família, com os amigos, com a comunidade cristã. Participar adquire um sentido mais amplo: não é apenas viver individualmente, isoladamente, mas participar da fraternidade, da troca de dons e serviços, entrar numa família humana onde uns ajudam a sustentar os outros. Tomar juntos o pão é sinal da “ com-panhia”, da amizade, da solidariedade na luta pela existência e pela realização de nossos ideais.

O gesto de comer juntos estabelece uma comunhão de vida. “ Aquele que me receber como alimento viverá pôr mim”²⁰⁵. Da “comunidade de comida” nasce uma nova relação que une e solidariza. “ Uma mesa. Não foi pôr acaso que, desejando dar-se todo a nós, o Senhor escolheu a forma de ”comida em família”. O encontro ao redor de uma mesa diz relacionamento interpessoal e possibilidade de conhecimento recíproco, de trocas mútuas, de diálogo enriquecedor. O convívio eucarístico se torna assim sinal expressivo de comunhão, de perdão e de amor”²⁰⁶(...)

A partilha principal da eucaristia é a do corpo e sangue do Senhor. Comungando do mesmo pão consagrado, cada fiel se torna membro do corpo místico de Cristo, participa realmente de sua vida divina. Essa comunhão com Cristo une os cristãos entre si e constitui verdadeiramente a comunidade, para que cresça sempre mais em sua união com Cristo, como cabeça de um corpo, onde os fiéis são os membros, coesos e bem-articulados entre si ²⁰⁷. Assim a Eucaristia é fonte e vida para a Igreja. Ela é a vida (força) que ativa nos fiéis o seguimento de Cristo e a comunhão na sua missão.(...)

3.) Eucaristia como santificação e missão:

A Eucaristia, essencialmente, é uma realização do Espírito Santo.

A tradição antiga, a liturgia oriental e a reforma litúrgica do Vaticano II sublinham a importância do Espírito Santo. É ele quem dá sentido e eficácia aos gestos, símbolos e palavras. Age sobre os ministros e a comunidade.

²⁰² cf. Tg 1, 17

²⁰³ Prefácio Comum IV

²⁰⁴ cf. 1 Cor 11, 20-23

²⁰⁵ Jo 6,57

²⁰⁶ João Paulo II, Fortaleza 9/7/1980, Homilia sobre as Migrações, 4

²⁰⁷ cf. Ef 4,16

Na Oração Eucarística há dois momentos especiais de invocação do Espírito Santo: - Sobre o pão e o vinho, para que se tornem corpo e sangue de Cristo: “ Santificai, pois, estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito, a fim de que se tornem para nós o corpo e o sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso”²⁰⁸; - Sobre a comunidade dos fiéis, para que se torne corpo de Cristo: “ E nós vos suplicamos que, participando do corpo e sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo”²⁰⁹.(...)

O mesmo Espírito Santo nos santifica na eucaristia, purificando-nos dos pecados, faz-nos assimilar a Palavra de Deus, incorpora-nos a Cristo, e coloca em cada um de nós os mesmos sentimentos que animaram o Cristo Jesus²¹⁰, suas atitudes, especialmente a do serviço, da doação de si mesmo, da obediência ao Pai, da consagração à missão. Citando Santo Agostinho: “ Tu escutas dizer: “ O Corpo de Cristo”, e respondes: ‘Amém’. Sejas então verdadeiramente membro do corpo de Cristo, para poderes ser um verdadeiro ‘ Amém’. Nós, os muitos, somos um só pão, um só corpo”²¹¹. Entende e alegra-te: unidade, verdade, ambiente familiar, amor. Sejas aquilo que vês e recebas aquilo que és!”²¹² dessa forma a Eucaristia faz a Igreja e a torna visível como comunhão fraterna, em torno ao Cristo presente e a partir dele.

O cristão deve sair da celebração eucarística de tal modo transfigurado, que se sinta enviado a comunicar, aos que ainda não participam da comunidade eclesial, a sua fé e a sua esperança. “ O memorial Eucarístico leva a comunidade assumir a missão com nova força, combatendo o falso cumprimento dela e estimulando sua nova realização. Assim, pôr exemplo, a comunidade cristã de Antioquia envia seus membros a missionar; depois de ter jejuado, rezado e celebrado a eucaristia, essa comunidade compreende que o Espírito Santo escolheu Paulo e Barnabé para serem enviados”²¹³.

A eucaristia renova a missão porque renova a fé e os compromissos dos batizados: tal como os discípulos de Emaús, depois de terem escutado a Palavra e compartilhado o Pão, reconhecem o Senhor e a missão que lhes cabe, e vão, alegremente, anunciar que Jesus Cristo vive, até que todos possam exclamar: “ é verdade, o Senhor ressuscitou!”... Na Eucaristia, renovamos a missão e somos enviados solenemente para a missão”²¹⁴.

Ao sair da celebração eucarística, o cristão sabe que vai voltar, porque a Eucaristia é o “ pão de cada dia”, é o alimento que sustenta numa caminhada que dura “ até que ele volte”. A Eucaristia nos envia em missão, e a missão precisa se re-alimentar constantemente na eucaristia, pois as atividades do cristão no mundo podem gerar o desgaste e até o esvaziamento das motivações evangélicas. A Eucaristia alimenta a Igreja sempre a caminho, à espera da vinda definitiva e gloriosa do Senhor²¹⁵, quando ele dirá: “ Vinde, benditos do meu Pai, recebei pôr herança o Reino.” ²¹⁶
.,²¹⁷

EUCARISTIA E VIDA SOLIDÁRIA

“A Eucaristia é fonte de vida. Partilhar o pão é o símbolo da partilha da vida. A Eucaristia nos engaja na mesma prática de Jesus que veio para que todos(as) tenham vida em abundância ²¹⁸. Neste sentido, diante de uma situação de "violência institucionalizada"²¹⁹ e de "pecado social" em que vive a sociedade latino-americano-caribenha e brasileira, a Eucaristia se torna um apelo de compromisso social²²⁰, onde a solidariedade, sobretudo com os pobres e excluídos, deve ser a marca dos cristãos e cristãs, pois a exclusão dos pobres, os prediletos de Deus em Jesus Cristo, clama aos céus e se torna um verdadeiro insulto à honra de Deus Pai-Mãe Criador²²¹.

A Igreja, como continuadora da missão de Jesus deve abrir-se solidariamente a todos(as) aqueles(as) que sofrem ²²² e, com muito carinho, ousadia e criatividade, colaborar na busca de soluções para os problemas humanos (fome, desemprego, drogas, exclusão social, morte prematura, violência, falta de moradia...), que não podem ser estranhos aos discípulos e discípulas de Jesus Cristo²²³.

A Eucaristia, como a grande Ação de Graças ao Deus da Vida, deve oferecer a motivação profunda para que todos os cristãos e cristãs, juntando-se a todos os homens e mulheres de boa vontade, batalhem para a partilha dos bens, através de seu compromisso na construção de uma sociedade justa e solidária, onde todos possam ser

²⁰⁸ Oração Eucarística II

²⁰⁹ Oração Eucarística II

²¹⁰ cf. Fl 2,1-11

²¹¹ cf. 1 cor 10,17

²¹² Sermo 272

²¹³ At 13, 1-4

²¹⁴ Texto-Base do Congresso de Sevilha, pp 48-49

²¹⁵cf. Ap 22,30

²¹⁶ Mt 25,34

²¹⁷ Texto- Base do 13º congresso Eucarístico Nacional, 1996, pp 34-43

²¹⁸ Jo 10,10

²¹⁹ Medellín, 16; Puebla, 18

²²⁰ Eucaristia e compromisso social, A. Haddad,

²²¹ cf. Documento de Puebla, 28

²²² cf. Mt 25, 31-46

²²³ cf. Gaudium et spes, 1.11

contemplados como irmãos e irmãs uns dos outros, como é da vontade do Pai-Mãe, expressa na oração de Jesus: "Pai Nosso... O pão nosso de cada dia nos daí hoje..."²²⁴,²²⁵

EUCARISTIA E PARTILHA DE BENS

A Eucaristia relembra que o símbolo central da fé cristã não é um código ou um lugar sagrado, nem mesmo uma ação ritual, mas uma concreta participação numa refeição em justiça e amor²²⁶. A Eucaristia lembra que a condição essencial para celebrar a "Ceia do Senhor" é a partilha dos bens²²⁷.

A Eucaristia nos faz lembrar que somos companheiros da mesma viagem. Somos irmãos e irmãs, pois filhos e filhas do mesmo Pai-Mãe que nos ama e nos quer felizes. Companheiro(a) lembra, a partir do latim, cum + panis, que devemos partilhar o pão, para que possamos nos sustentar na viagem. E todos/as necessitam deste pão. Ele não pode ser recusado a ninguém! Pôr isso, a Eucaristia, a Ceia do Senhor "estabelece um íntimo companheirismo, com o Espírito de Cristo em primeiro lugar, mas também entre os participantes que se comunicam intimamente entre si... O companheirismo supõe a aceitação do outro... Esta aceitação é a base para lutarmos juntos pelo Reino, para sofrermos juntos quando se faz violência bloqueando-o aos pobres e oprimidos²²⁸, para juntos esperarmos o triunfo final desse mesmo Reino. Esse companheirismo consolida as bases da comunidade que age e se esforça pelo projeto que a anima. Essa é a EKKLESIA. Sua esperança se nutre do sacrifício de Jesus, pão repartido"²²⁹,²³⁰

“ VENHAM PARA A CEIA DO SENHOR”

“Todos(as) são convidados(as). A Ceia é a oferta de Vida para todos(as) e, de modo especial, para os mais deserdados: "Saia depressa pelas praças e ruas da cidade. Traga para cá os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos... Saia pelas estradas e caminhos, e faça as pessoas virem aqui, para que a casa fique cheia"²³¹. Deus não quer que ninguém seja excluído(a) do Banquete da Vida pôr nenhum motivo: situação familiar, orientação sexual ou tradições religiosas.

Frente à sociedade excludente que nega trabalho, alimento e cidadania para uma grande maioria²³², a Eucaristia, "Ceia do Senhor", deve ser a fonte de vida solidária para todos(as). Deve nos engajar na luta pela partilha da terra, dos bens e promover uma nova convivência social, sem qualquer discriminação social, sexual, étnica. Frente à falta de pão, sinal de todas as condições para uma vida digna e solidária, a Eucaristia deve nos fazer retomar o milagre do pão: "Todos comeram e ainda sobraram doze cestos"²³³. E no entanto, havia apenas cinco pães e dois peixes... Mas "bastariam dois pães e dois peixes e o milagre do amor, pra acabar com tanta fome e acabar com tanta dor!"²³⁴

²²⁴ cf. Lc 11, 1-4

²²⁵ Texto-Motivador 14º Congresso Eucarístico Nacional, 2001

²²⁶ Participação à mesma Mesa e Celebração da eucaristia, p 17, E.S. Fiorenza

²²⁷ cf. Eccl 34,18-24; 1 Cor 11, 27-34

²²⁸ cf. Mt 23,13

²²⁹ Pão, vinho amizade, J. Santa Ana, pp 91-92

²³⁰ Texto-Motivador do 14º Congresso Eucarístico Nacional, 2001

²³¹ cf. Lc 14,21-23; Mt 22, 9-10

²³² O mapa da exclusão fala em 63 milhões de brasileiros que passam fome

²³³ cf. Mc 6, 31-44

²³⁴ Texto-Motivador do 14º Congresso Eucarístico Nacional, 2001

ENSINO 7

PERSEVERAR NA ORAÇÃO

INTRODUÇÃO

Este último ensino vai tratar de uma questão que é muito preciosa para a Igreja como um todo e para a RCC em particular. Justamente por ser tão preciosa é das mais difíceis de haver perseverança, pois ao redor da oração é que se travam fortes batalhas. E como o título do ensino já diz, não se trata só de um ensino sobre oração mas sim de **perseverar na oração**.

Perseverar na oração por certo implica também em fidelidade na oração diária. Nós muitas e repetidas vezes fazemos um compromisso com um tempo de oração diária e acabamos esquecendo e ficando com um sentimento de fracasso espiritual. Este ensino vai nos ajudar na luta para sermos perseverantes na oração como nos ensina Atos dos Apóstolos.

APRENDENDO A PERSEVERAR NA ORAÇÃO

Poderíamos iniciar este Ensino perguntando: Como seria a oração perseverante, que Lucas, fala nos primeiros capítulos dos Atos?²³⁵ Lucas apresenta uma oração “concorde” e “perseverante”.

Concorde ou unânime, que significa ao pé da letra, feita com um só coração (com-corde) e com uma alma só.

Também Paulo fará uma exortação aos romanos, neste mesmo sentido da concórdia, alertando para que tivessem “ os mesmos sentimentos uns para com os outros”²³⁶. Lucas iniciará o Livro de Atos, também com esse sentido: “... perseveraram unânimes na oração...”²³⁷

Sabemos que quem faz a comunhão é o Espírito Santo. Ele é o vínculo da unidade, unidade na Trindade, unidade entre os filhos de Deus, e unidade entre os filhos de Deus e a Trindade. Também é o Espírito Santo quem nos auxiliará a fazermos a oração concorde.

Quando fazemos este tipo de oração, ninguém reza pôr si, mas cada um reza pôr todos; com isso, a oração é feita no “ Corpo” todo. Ela chega a Jesus, que é a cabeça, de todo o corpo. Na concórdia, cada um reza pôr todos, e todos rezam pôr cada um. “ É o milagre da caridade que multiplica a força da oração”²³⁸

Santo Agostinho, em um discurso de Pentecostes, nos diz algo que vem confirmar o que estamos refletindo: “Se quiserdes, pois, receber o Espírito Santo, procurai conservar a caridade, amai a verdade e desejai a unidade”²³⁹

Quanto a oração perseverante, que também era característica dos primeiros apóstolos, temos também Maria, como exemplo.

“ O termo original grego que expressa esta qualidade de oração cristã (proskarterountes), indica uma ação firme, insistente, o ocupar-se com assiduidade e constância em algo. É traduzido com o termo “perseverantes”, ou “assíduos” na oração. Poder-se-ia também traduzir pôr “ firmemente agarrados” à oração.”²⁴⁰

“Esta palavra (perseverantes) é importante e volta várias vezes, quando se aborda o assunto de oração.“ Nos Atos volta logo depois, quando se fala dos primeiros crentes vindos à fé, que eram “ assíduos ao ensino, à fração do pão e às orações”²⁴¹. Também São Paulo recomenda sermos “ perseverantes na oração”²⁴². Num trecho da carta aos Efésios lemos: “Orai incessantemente e em união com o Espírito, multiplicando invocações e súplicas; perseverai nas vossas vigílias”²⁴³.

A substância deste ensinamento provém de Jesus que contou a Parábola da viúva importuna, exatamente para dizer que é preciso” orar sempre, sem desfalecer”²⁴⁴. A mulher cananéia é uma viva ilustração desta oração insistente, que não se deixa desanimar pôr nada e que, no fim, exatamente pôr isso, consegue o que deseja. Ela pede uma primeira vez, a cura da filha, e Jesus – como está escrito – “ não lhe respondeu palavra”. Ela insiste, e Jesus responde não ter sido enviado senão às ovelhas de Israel. Prostra-se diante dele, e Jesus replica que não é justo que se tome o pão dos filhos para lançar aos cachorros. Tudo isso era mais que suficiente para desanimar qualquer um. Mas a mulher cananéia não se dá pôr vencida, e diz: “ É verdade, mas também os cachorrinhos...” e Jesus feliz exclama: “ Ó mulher, grande é a tua fé. Faça-se como desejais”²⁴⁵. Rezar bastante, com perseverança, não significa rezar com muitas

²³⁵ At 2, 42-47

²³⁶ cf. Rm 15,56

²³⁷ cf. At 1,14

²³⁸ cf. Maria espelho para a Igreja, Raniero Cantalamessa, p 139

²³⁹ cf. Santo Agostinho, Sermões 267,4

²⁴⁰ cf. Maria espelho para a Igreja, Raniero Cantalamessa, p 140

²⁴¹ At 2, 42

²⁴² cf. Rm 12,2; Cl 4,2

²⁴³ cf. Ef 6,18

²⁴⁴ cf. Lc 18,1

²⁴⁵ cf. Mt 15, 21ss

palavras, abandonando-se a uma tagarelagem como os pagãos²⁴⁶. Perseverar na oração significa pedir freqüentemente, não parar de pedir, não parar de esperar, nunca se dar pôr vencido. Significa não se dar repouso, nem o dar a Deus: “Vós, os que recordais o Senhor, não repouseis, e não O deixeis descansar, até que se restabeleça Jerusalém”²⁴⁷.

Mas pôr que a oração deve ser perseverante e pôr que Deus não escuta logo? Não é, pôr acaso, ele mesmo que na Bíblia promete escutar logo o que se pede, e até ainda antes de se ter acabado de pedir? “Antes que me chamem” - ele diz – “eu lhes responderei”; “estando eles ainda a falar, eu os atenderei”²⁴⁸. Jesus reforça: “e Deus não fará justiça aos seus eleitos, que a ele clamam dia e noite, e os fará esperar? Far-lhes-á justiça prontamente, eu vos digo”²⁴⁹.

A experiência, pôr acaso não desmente clamorosamente estas palavras? Não.

Deus prometeu escutar sempre e escutar logo as nossa orações, e assim ele faz. Somos nós que precisamos abrir os olhos. É verdade, ele mantém a sua palavra: atrasando o socorro, ele já está socorrendo aliás, até esse adiar já é um socorrer. Isto para que não aconteça que, escutando muito depressa a vontade daquele que pede, Deus acabe não lhe concedendo a perfeita saúde.

É preciso distinguir entre atender segundo a vontade do orante e o atender segundo a necessidade do orante, que é a sua salvação. Deus concede sempre e logo o que está de acordo com a Salvação do orante(que no fundo, é também, ou deveria ser, a vontade mais profunda de quem reza); mas nem sempre atende a sua vontade do momento, que pode não ser boa ...

Deus, pois, escuta também quando não escuta. Sua demora em conceder mesmo coisas boas é, também ela, um escutar e um aprender. De fato, não atendendo logo ele faz crescer a nossa fé, ajuda-nos a pedir melhor. Nós comumente, no começo nos apresentamos a Deus para pedir coisas pequenas, para as necessidades mínimas da vida presente. Não conhecemos as que de fato são importantes. Atrasando o atendimento, aos poucos emergem em nós as verdadeiras necessidades, a necessidade de ter Deus, a fé, a paciência, a caridade, a humildade, mais do que as coisas materiais. E assim, no fim, tendo dilatado o nosso coração, Deus pode preenchê-lo numa medida digna de sua generosidade.

Às vezes, perseverando na oração, especialmente se a pessoa tiver uma vida espiritual séria e profunda acontece algo de estranho que é bom conhecer para não perder uma ocasião preciosa. As partes invertem-se: Deus torna-se aquele que pede, e tu aquele a quem se pede. Tu começaste a rezar para pedir algo a Deus e, uma vez em oração, percebes aos poucos que é ele, Deus, que te estende a mão pedindo algo. Foste pedir que lhe tirasse aquele aguilhão da tua carne, aquela cruz, aquela provação, que te libertasse daquela função, daquela situação, da proximidade com aquela pessoa... E eis que Deus te pede exatamente que aceites aquela cruz, aquela situação, aquela função, aquela pessoa. Pôr isso precisamos cultivar em nossos corações a paciência, a constância e a esperança, estes serão três anjos da guarda que nos acompanharão na nossa vida de oração, nos ajudando para que o desânimo não nos venha vencer.”²⁵⁰

Precisamos de calma. Um cristão dominado pela dispersão interior, desintegrado pela agitação e pelo nervosismo, não pode chegar à união transformadora com Deus, através da oração sem cessar. Precisamos também de paz. As cargas agressivas, resistências interiores e rejeições, não nos deixa entrar no templo da paz que é Deus.

A unidade interior é necessária também para obtermos sucesso na nossa caminhada de oração assídua. Precisamos cuidar dos nossos momentos de aridez, da secura, das distrações...

“Orar não é fácil ... “De qualquer maneira, com pouca oração, sem perseverança e disciplina, não podemos esperar uma forte experiência de Deus, nem transformação da vida e, pôr conseguinte, profetas que resplandeçam”

Orar é uma arte. “Embora orar seja fundamentalmente uma obra da graça, também é uma arte, depende, em nível psicológico, das normas de toda aprendizagem, como qualquer atividade humana. Pôr isso, orar bem exige método, ordem e disciplina. Numa palavra, exige técnica. “É claro que ... contamos com um pedagogo original que pode jogar fora todos os métodos, levar-nos pelos caminhos mais surpreendentes, passando pôr cima das leis psicológicas e pedagógicas.”

Um das causas dos nosso insucessos na perseverança na oração: é a inconstância. Ela começa quando nos frustramos com os poucos frutos que estamos dando na nossa vida de oração. Ou seja, quando nos esforçamos muito para Ter uma boa vida de oração e não conseguimos progressos na mesma proporção dos nossos esforços.

Diante dessas situações precisamos ter paciência, para aceitar que apesar dos esforços podemos não ter grandes resultados na oração. “A paciência é arte de saber esperar. “A paciência gera a perseverança. Muita vezes dizemos para nós mesmos, que não conseguimos rezar, que não conseguimos experimentar Deus, não conseguimos escutar a Deus ... “Que quer dizer não conseguir? “Quem procurou, já encontrou”, diz Santo Agostinho. Quem trabalhou, já conseguiu. Carregam sempre a mesma comparação, dizendo: tantas horas de pescaria, e as redes vazias. Para os olhos do corpo e para os olhos do sentimento, é certo que as redes estavam vazias. Mas para os olhos da fé, que vêem o essencial, as redes estavam cheias de peixes. É que o essencial estás sempre invisível. Melhor, o invisível só é visível à luz da fé.(...)

²⁴⁶ cf. Mt 6,7

²⁴⁷ cf. Is 62,6-7

²⁴⁸ Is 65,24

²⁴⁹ cf. Lc 18,7

²⁵⁰ Maria um espelho para a Igreja, Raniero Cantalamessa, pp 139-143

Muita gente, entre os que acreditam, fica sem vontade de rezar porque ficou muito tempo sem rezar. E como não tem vontade de rezar, não reza. E assim vamos entrando no círculo: ... Deus começa a parecer cada vez mais estranho e distante, e acaba pôr se fechar o círculo mortal, prendendo-nos em seu interior. Como agir? Rezando com perseverança e sem vontade para que aflore a vontade de rezar e o sentido de Deus.(...) O cristão tem de perseverar no relacionamento pessoal com Deus, mesmo quando tiver a impressão de estar perdendo tempo. Apoiado na oração vocal e na leitura meditada, tem de estabelecer essa corrente de comunicação com o Senhor, na fé pura e despojada, e repetir as palavras que serão a fonte de união entre a sua atenção e a pessoa do Senhor, perseverando, mesmo quando tiver a impressão de que não há ninguém do outro lado da comunicação.(...)

A perseverança é o preço alto que se tem que pagar pôr todas as conquistas deste mundo”²⁵¹

AS CONSTANTES DA ORAÇÃO

Quanto mais se ora mais vontade de orar.

“Sede alegres na esperança, fortes na tribulação, perseverantes na oração”²⁵².

As comunidades dos Apóstolos vão nos ensinar a perseverança na oração. Ela nos dará a fortaleza necessária para suportarmos as tribulações e crescermos na esperança com alegria.

“Em nível espiritual, o homem é, segundo o pensamento de Santo Agostinho, como uma seta disparada para um universo (Deus) que, como centro de gravidade, exerce uma atração irresistível, e quanto mais se aproxima desse universo, maior velocidade adquire. Quanto mais se ama a Deus, mais se quer amá-lo. Quanto mais conversarmos com ele, mais vontade temos de com ele conversar. A atração para ele está na proporção da proximidade dele”²⁵³

Pôr isso, nós podemos dizer “quanto mais se ora, mais se quer orar”.

São Francisco, em um diálogo com o irmão Leão, se refere a Deus como o “Nunca Bastante”. Pois Deus é aquele que nunca disse para a alma: “Agora basta!”

Pôr mais que façamos, pôr mais que oremos, nunca será suficiente, pois Deus quer sempre ,mais e mais de nós. E Ele é sempre mais e mais para nós. Ele nos pede e é a resposta, Ele é o único capaz de satisfazer as nossas necessidades.

Quanto menos se reza menos vontade de rezar

O gosto pela oração vai se debilitando na medida em que vamos nos dispersando interiormente, dificultando assim, a nossa concentração em Deus. Geralmente é no gosto pêlos acontecimentos, pelas sensações fortes e até mesmo quando nos preocupamos muito com pessoas, é nestes gostos que está a nossa dispersão. Nós abandonamos o nosso relacionamento com Deus, pois as coisas do mundo e dos homens nos atraem, seduzem e parecem esgotar o sentido da nossa vida. Perdemos a atração pelas coisas de Deus, pela oração.

Pôr isso “ao rezarmos pouco, sentimos que há dificuldade para rezar ... ao sentir a dificuldade, sentimo-nos inclinados a abandonar a oração, pela lei do menor esforço”.

Quanto mais se reza, Deus é “mais” Deus em nós

Quanto mais mergulharmos na oração, mais experimentamos a presença de Deus. Deus não muda, a sua presença, ou seja, o grau da sua presença é sempre igual. O que muda é o nosso relacionamento com Deus, a nossa afetividade, nossa intimidade com Deus.

Daí, quanto mais percebemos Deus na nossa vida, mais podemos contemplá-Lo nos acontecimentos, e nas diversas situações que somos envolvidos no dia-a-dia, estas ganham um novo significado.

Na medida em que a pessoa que ora “avança nos mistérios de Deus, Deus deixa de ser idéia para converter-se em Transparência e começa a ser Liberdade, Humildade, Prazer, Amor e, progressivamente se transforma em força irresistível e modificadora, que tira todas as coisas dos seus lugares; onde havia violência, põe suavidade; onde havia egoísmo, põe amor e muda pôr completo “a face” do homem”.²⁵⁴

Quanto menos se reza, Deus é “menos” Deus em nós

“Quanto menos se reza, Deus lentamente se vai convertendo em simples “idéia” sem sangue e sem vida...não “dá gosto” estar, tratar, viver com uma “idéia”; também não há estímulo para lutar e superar-se. Assim, Deus vai deixando de ser alguém e termina pôr diluir-se numa realidade ausente e longínqua...

Quanto menos se reza, Deus tem menos sentido, e quanto menos sentido tem Deus, menos se recorre a ele...”²⁵⁵

²⁵¹ Mostra-me teu rosto, Inácio de Larrañaga, pp 103-113

²⁵² Rm 12,12

²⁵³ Mostra-me teu rosto, Inácio de Larrañaga, pp 103-113

²⁵⁴ Mostra-me teu rosto, Inácio de Larrañaga, pp 103-113

²⁵⁵ Mostra-me teu rosto, Inácio de Larrañaga, pp 103-113

Na falta de Deus, surgem mecanismos, situações, coisas para compensar, suprir esse vazio que fica na alma. Aí renascem os apetites da carne, do egoísmo e outras justificativas para atender as reclamações interiores.

O nosso relacionamento com Deus, através da oração pode se tornar uma evasão. Mas temos de ter esta consciência de que a oração, tem que transformar a nossa vida. Não podemos deixar que o nosso relacionamento com Deus, não interfira, não mude nem converta a nossa vida. A oração deve nos impulsionar em direção ao nosso irmão. Se ela não estiver impulsionando e nem transformando a nossa vida, alguma coisa está errada.

A oração é vida, e vida concreta. Pôr isso, que oração e evasão são incompatíveis. Onde entendemos pôr evasão um descompromisso com a vida do nosso irmão e com a nossa própria vida.

O QUE É ORAÇÃO?

Diante destas constantes poderíamos perguntar:

Afinal o que é oração?

São João Damasceno: “A oração é a elevação da alma a Deus e o pedido a Deus dos bens convenientes.

Santo Agostinho: A humildade é a disposição para receber gratuitamente o dom da oração; o homem é um mendigo de Deus. ... A oração, quer saibamos ou não, é o encontro entre a sede de Deus e a nossa. Deus tem sede que nós tenhamos sede dele... É o primeiro a nos procurar e é ele que nos pede de beber.

“Deus é o primeiro a chamar o homem... Essa atitude de amor fiel vem sempre em primeiro lugar na oração; a atitude do homem é sempre resposta a esse amor fiel”.²⁵⁶

Diante destas colocações podemos concluir que Oração é elevar a nossa mente e o nosso coração a Deus, como resposta de amor, pedindo a Ele aquilo que convém a nossa salvação eterna, seja através da voz, do silêncio ou através do corpo.

ORAÇÃO DE JESUS

Vamos refletir como era a oração de Jesus, que é a fonte da oração dos apóstolos, Nesta reflexão veremos que é o Espírito Santo quem inspira tanto a Jesus como os apóstolos em suas orações.

‘Lembremos que Lucas é o evangelista que mais fala da oração de Jesus. Não apenas cita a oração nas três circunstâncias mencionadas também pôr Marcos²⁵⁷, mas acrescenta outros cinco momentos de oração. São: o momento do batismo de Jesus; o momento da escolha dos doze apóstolos; o momento da transfiguração; o dia “ em que Jesus estava orando” e os discípulos lhe pediram que lhes ensinasse a rezar; e, enfim, o momento em que Jesus promete rezar pôr Pedro. Também quando Lucas recorda momentos de oração que Mt e Mc já nos fizeram conhecer, acrescenta algo seu, dando maior destaque à oração de Jesus. Um bom exemplo é a oração no Horto do Getsêmani. Só Lucas acrescenta: Apareceu-lhe um anjo do céu, que o fortalecia. Entrando em agonia, Jesus orava com mais insistência. Seu suor tornou-se como gotas de sangue que caíam no chão. Nisto pensasse talvez o autor da carta aos Hebreus quando escreveu: “ Nos dias de sua vida terrestre, (Jesus) dirigiu preces e súplicas, com forte clamor e lágrimas, àquele que tinha poder de salvá-lo da morte. E foi atendido, pôr causa da sua entrega a Deus. Mesmo sendo Filho, aprendeu o que significa a obediência, pôr aquilo que ele sofreu’.

Conhecemos pouco, porém, as palavras das orações de Jesus. Temos três breves trechos. O primeiro é atestado pôr Lucas e Mateus: “ eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos. Sim Pai, assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue pôr meu Pai... Uma segunda fórmula é citada pêlos três evangelhos sinóticos: “ Abbá! Pai! Tudo é possível para ti. Afasta de mim este cálice! Mas seja feito não o que eu quero, porém o que tu queres”. A terceira fórmula é o grito de Jesus na cruz: “ Meu Deus, meu Deus, pôr que me abandonaste?, que não é um grito de desespero, mas o início do salmo 22(21), que expressa confiança no Senhor em meio aos sofrimentos. Os leitores gregos de Lucas podiam não conhecer esse salmo. Lucas preferiu, então, omitir essa citação e substituí-la pôr outra invocação, também tirada de um salmo: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”.

Jesus insiste sobre a necessidade de oração de seus discípulos, e o faz principalmente procurando revelar a bondade de Deus e suscitar a confiança nele. Lucas especialmente, mostra Jesus exortando à oração através de parábolas muito expressivas...

Não é portanto de admirar que Lucas pôr assim dizer, mergulhe todo o seu evangelho na oração.”²⁵⁸

“O drama da oração nos é plenamente revelado no Verbo que se fez carne e habita entre nós. Procurar compreender sua oração, através daquilo que suas testemunhas nos anunciam dela no Evangelho, é aproximar-nos do Santo Senhor Jesus como da sarça ardente: primeiro contemplá-lo na oração, depois ouvir como ele nos ensina a orar, para conhecer enfim como ele atende nossa prece.”²⁵⁹

“O Filho de Deus que se tornou Filho da Virgem aprendeu a rezar segundo seu coração de homem. Aprendeu de sua mãe que conservava todas as “ grandes coisas” do Todo-Poderoso e as meditava em seu coração. Aprendeu nas palavras e ritmos de oração de seu povo, na sinagoga de Nazaré e no Templo. Mas sua oração brota de

²⁵⁶ cf. Catecismo da Igreja Católica, 2567

²⁵⁷ Mc 1,35; 6,46; 14,32-39

²⁵⁸ Olhando pra frente, CNBB, pp 36-37

²⁵⁹ cf. Catecismo da Igreja Católica, 2598

uma fonte bastante secreta, como deixa prever com a idade de doze anos: “ Eu devo estar na casa de meu Pai”²⁶⁰. Aqui começa a se revelar a novidade da oração na plenitude dos tempos: a *oração filial*, que o Pai esperava de seus filhos, será enfim vivida pelo próprio Filho único na sua Humanidade, com os homens e pelos homens.”²⁶¹

“ Ao orar, Jesus já nos ensina a orar. O caminho teológico da nossa oração é a oração a seu Pai. Mas o Evangelho nos dá um ensinamento explícito de Jesus sobre a oração. Como pedagogo, ele nos toma onde estamos e, progressivamente, nos conduz ao Pai. Dirigindo-se às multidões que o seguem, Jesus parte daquilo que elas já conhecem da oração, conforme a Antiga Aliança e as abre para a novidade do Reino que vem. Depois lhes revela em parábolas essa novidade. Enfim, falará abertamente do Pai e do Espírito Santo a seus discípulos, que deverão ser pedagogos da oração em sua Igreja.”²⁶²

“A *oração a Jesus* é ouvida pôr ele já durante o seu ministério, através dos sinais que antecipam o poder de sua Morte e Ressurreição: Jesus ouve a oração de fé, expressa em palavras (o leproso; Jairo; a cananéia; o bom ladrão) ou em silêncio (os carregadores do paralítico; a hemorroísa que lhe toca as vestes; as lágrimas e o perfume da pecadora). O pedido insistente dos cegos: “Filho de Davi, tem compaixão de nós”²⁶³ ou “Filho de Davi, tem compaixão de mim”²⁶⁴ foi retomado na tradição da *Oração de Jesus*: “ Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador!” Quer na cura das enfermidades, quer na remissão dos pecados, Jesus responde sempre à oração que implora com fé: “ Vai em paz, tua fé te salvou!”²⁶⁵

Santo Agostinho resume admiravelmente as três dimensões da oração de Jesus: “ Ele ora em nós como nosso sacerdote, ora em nós como nossa cabeça, e a Ele sobe nossa oração como ao nosso Deus. Reconheçamos pois, Nele, os nossos clamores e em nós os seus clamores”.

ORAÇÃO NOS ATOS APÓSTOLOS

No tempo da Igreja, ou seja, a partir de Pentecostes, o Espírito Santo ensinará aos fiéis e recordará tudo o que Jesus havia dito²⁶⁶, e formará também a Igreja na vida de oração.

As orações dos Apóstolos, eram baseadas na Sagrada Escritura e, principalmente, nos Salmos; eram inspiradas pelo Espírito Santo que suscitava novas formas de oração com o passar dos tempos.

“ A mesma insistência sobre a oração a encontramos nos Atos dos apóstolos e, em geral, nos escritos apostólicos.

Como o evangelho de Lucas começou com a oração no Templo, assim nos Atos encontramos logo de início uma comunidade orante e é na oração que acontecem os eventos principais, como a conversão de Cornélio ou o envio de Paulo e Barnabé em missão. É altamente significativo também que os Apóstolos, quando repartem com os outros o ministério ou serviço da comunidade, justifiquem a decisão dizendo: “ Deste modo, poderemos dedicar-nos inteiramente à oração e ao serviço da Palavra”. O que significa que não poderiam anunciar autenticamente o Evangelho senão estivessem solidamente apoiados na oração assídua.

Em muitos outros passos dos Atos (e das cartas de Paulo) aparece a insistência sobre a oração. Nos Atos, a oração acompanha tudo...

Algumas características marcam a oração dos cristãos. Ela é inspirada pelo Espírito Santo, que leva à união plena com Deus Pai em Cristo. Ela é “ unânime”; nasce da concórdia, de cristãos que rezam como “ um só coração”. Paulo retoma ainda o mesmo termo na bela exortação: “ O Deus da constância e da consolação, vos dê também perfeito entendimento, uns com os outros, como ensina o Cristo Jesus. Assim, tendo como que um só coração e a uma só voz, glorificareis o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo”. E quando a multiplicação dos cristãos e das comunidades não permitirá mais a oração em comum de todos, como no início em Jerusalém, as comunidades rezarão umas pelas outras. Pois a oração cristã tem outra característica: é perseverante. Todo o livro dos Atos o mostra, como já vimos, e Paulo o reafirma com frequência, repetindo: “sede alegres na esperança, fortes na tribulação, perseverantes na oração”.

Podemos concluir que a Igreja Primitiva realizava verdadeiramente o ideal da oração contínua, incessante, em todo o tempo, não apenas nas horas e nos dias fixados pela liturgia. Todas as circunstâncias, todos os acontecimentos pessoais ou comunitários suscitavam oração.”²⁶⁷

²⁶⁰ cf. Lc 2,49

²⁶¹ cf. Catecismo da Igreja Católica, 2599

²⁶² cf. Catecismo da Igreja Católica, 2607

²⁶³ cf. Mt 9,27

²⁶⁴ Mc 10,48

²⁶⁵ cf. Catecismo da Igreja Católica, 2616

²⁶⁶ cf. Jo 14,26

²⁶⁷ Olhando pra frente, CNBB, pp 37-38

Referências Bibliográficas

- 01) Olhado Para a Frente Projeto SINM - CNBB
- 02) Que Novidade é Essa? Projeto SINM – CNBB
- 03) Do Evangelho aos Atos do Apóstolos – Preparando o Projeto SINM – CNBB
- 04) Preparando o caminho – Algumas Sugestões para Começar a Preparar os Agentes do SINM – CNBB
- 05) O Espírito Santo na Igreja dos Atos dos Apóstolos – Salvador Carrilo Alday – Ed. Loyola
- 06) Evangelização – Pe. Alfonso Navarro – Ed. Louva-a-Deus
- 07) Mostra-me o Teu Rosto para a Intimidade com Deus – Inácio Lanrañaga – Ed. Paulinas
- 08) Oração – Diego Jaramillo – Ed. Louva-a-Deus
- 09) Catecismo da Igreja Católica
- 10) Vitória Pela Oração – Pe. Alberto Luiz Gambarini – Ed. Loyola
- 11) Texto Base da 13º Congresso Eucarístico Nacional 1996 – Eucaristia, vida para Igreja – Ed. Paulinas
- 12) Texto motivador do 14º Congresso Eucarístico Nacional – 2001 – Eucaristia, comunidade Viva – CNBB
- 13) Mysterium Fidei – João Paulo II – Culto a Sagrada Eucaristia
- 14) Eucaristia – Palestras – Dom Alberto Taveira Corrêa
- 15) 47º Congresso Eucarístico Internacional – Roma, 2.001 – Jesus Cristo único Salvador do Mundo, Pão para a Vida – Ed. Paulinas
- 16) Documento 40 CNBB _ Igreja: Comunhão e Missão na Evangelização dos Povos, no Mundo do Trabalho, da Política e da Cultura.
- 17) Ide e Evangelizai os Batizados - José H. Prado Flores – Ed. Louva-a-Deus
- 18) Formação de Discípulo – José H. Prado Flores – Ed. Louva-a-Deus
- 19) Ser e Fazer Discípulo – Juan Carlos Ortiz - Ed. Loyola
- 20) Curso Teologia Moral – Pe. Estevão Bittencourt – Mater Ecclesia
- 21) Atos dos Apóstolos – Atos do Espírito Santo – Primeira Leitura da Bíblia – Ed. Paulinas
- 22) Documento de Santo Domingo
- 23) Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo
- 24) Vida Pastoral – Ed. Paulinas
- 25) Pastoral do Dízimo – Ir. Roger Pilote – Ed. Paulinas
- 26) Eucaristia – Pe. Celestino Trevisan – Ed. Raboni
- 27) Encontro com Jesus Cristo vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América – Ed. Paulinas.
- 28) Maria um espelho para a Igreja – Raniero Cantalamessa – Ed. Santuário
- 29) Catequese Renovada – Orientações e conteúdo – CNBB – 26
- 30) Carta Encíclica – Veritatis Splendor – Ed. Loyola
- 31) Hoje a Salvação Entra Nesta Casa – Ed. Paulinas
- 32) Comunidade Carismática - Walter Smet – Ed Loyola
- 33) Renovação no Espírito Santo – Salvador Carrillo Alday – Ed. Louva-a-Deus
- 34) Projeto Continuidade – Ed. Nova Evangelização
- 35) Como ler os Atos dos Apóstolos – Ivo Storniolo – Ed. Paulus
- 36) Carta Encíclica Ut Unum Sint – Ed. Paulinas
- 37) O que é Ecumenismo? CNBB – Ed. Paulinas
- 38) Bíblia Sagrada – Ave Maria
- 39) Bíblia Sagrada – TEB – Loyola
- 40) Os 20 Séculos de Caminhada da Igreja – Pe. Luiz Cechinato
- 41) <http://www.terravista.pt/Nazare/1946>
- 42) Historia povo de Deus – Euclides Martins Balancin – Edições Paulinas
- 43) Parresia – A ousadia na evangelização – Ronaldo Pereira – Edições Shalom
- 44) O Movimento de Jesus depois da Ressurreição, Pablo Richard, Ed. Paulinas
- 45) No caminho das comunidades ...Centro Bíblico Verbo, Ed. Paulus
- 46) Atos 1-12, missão e comunidade, Michel Gourgues, Ed. Paulinas
- 47) Declaração Dominus Iesus, Congregação para a doutrina da fé
- 48) Carta Apostólica Novo Millennio Ineunte, João Paulo II
- 49) Documento de Puebla
- 50) Atos dos Apóstolos, luz para o caminho da Igreja, hoje, Pe. Alberto Antoniazzi, CNBB